



**COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

**MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Campina Grande – PB  
Junho 2014

**MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Relatório final de Estágio Supervisionado, apresentado ao curso de Letras- EAD, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de graduada.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>Ms. Cléa Gurjão Carneiro

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48r Oliveira, Maria Aparecida de  
Relatório final de estágio supervisionado [manuscrito] /  
Maria Apárecida de Oliveira. - 2014.  
48 p.

Digitado.

Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em Letras  
EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de  
Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Cleá Gurjão, Secretaria de Educação à  
Distância".

1. Ambiente Virtual. 2. Aprendizagem. 3. Interação. I.  
Título.

21. ed. CDD 374.4

**MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Relatório final de Estágio Supervisionado, apresentado ao curso de Letras- EAD, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de graduada.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Cléa Gurjão Carneiro

**BANCA EXAMINADORA**

Cléa Gurjão Carneiro Nota 9,5  
PROF<sup>a</sup> Ms. Cléa Gurjão Carneiro – UEPB  
(Orientadora)

Elza Gurjão Pontes Nota 9,5  
Prof<sup>a</sup> Esp. Elza Gurjão Pontes – UEPB  
(1<sup>o</sup> Examinador)

Elza Maria Araújo Nota 9,5  
Prof<sup>a</sup> Esp. Elza Maria Araújo  
(2<sup>o</sup> examinador)

Média 9,5

Campina Grande-PB  
Junho 2014

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e pelas oportunidades que tem me oferecido.

À UEPB pela oportunidade de oferecer um curso em EAD.

À minha amiga professora Leandra Ribeiro, que me indicou o curso de Letras em EAD e incentivou a enfrentar os desafios e seguir em frente.

À minha mãe pelo incentivo aos estudos, desde a infância, sem o apoio dela jamais teria conseguido chegar até aqui.

Aos meus preciosos filhos, Grazieli e Gabriel fonte dos meus desejos e aspirações, que muitas vezes ficaram sem a minha presença para que eu pudesse cumprir as jornadas de estudo.

A meu esposo Genoilton que cuidou de nossos filhos enquanto me dedicava aos estudos e acompanhou de perto a minha luta torcendo por essa conclusão.

Às coordenadoras Elza e Divanira que compartilharam de suas experiências pessoais e profissionais, incentivando-nos e lutando para oferecer o melhor.

À minha tutora Francly Salles, que orientou, incentivou, acompanhou de perto a nossa evolução, distinguindo nossas marcas de oralidade e a forma como elaboramos os conhecimentos.

Aos professores do Curso de Letras em EAD, em especial à professora Cléa Gurjão pelas orientações realizadas no período do curso, um exemplo de profissional que de forma incansável, orienta e promove a aprendizagem, fazendo uma educação de qualidade.

À diretora Lorena Cavalcante, alunos, ex-alunos e a todos que fizeram parte do compartilhamento de experiências pedagógicas vivenciadas no contexto da Escola Jairo Aires Caluête, que muito contribuíram para a minha formação profissional.

Aos colegas de cursos pelos momentos de interação e aprendizagem.

As amigas e amigos pelos incentivos e também por acreditarem que chegaria até aqui.

Dedico também a duas pessoas in memoriam (meu pai Ubaldo, e tia Amélia) que sempre foram e serão exemplos em minha vida.

Agradeço a todos que de forma direta e indireta permitiram que este trabalho fosse realizado.

Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de idéias.

Augusto Cury

## RESUMO

Este relatório traz uma reflexão sobre o curso de Letras em EAD, destacando que todas as disciplinas que fazem parte da sua grade curricular foram estudadas num ambiente de trocas com o uso das ferramentas do ambiente virtual. As relações estabelecidas com o conteúdo e com os que faziam parte do processo de ensino/aprendizagem aconteceram de modo que o conhecimento de um contribuiu para a ampliação da visão de mundo de todos, fortalecendo também os laços de amizade e afetividade. Muitas das discussões postadas no AVA tiveram como foco a ampliação dos conhecimentos acerca do ensino da língua, do texto e da gramática na perspectiva de vários teóricos. Mostrando que o professor de língua portuguesa precisa estar em constante formação, ter uma compreensão mais crítica a respeito do que ensinada, forma como ensina e do seu material de trabalho, para que realmente possa desenvolver a competência comunicativa do aluno para que ele possa empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. No ambiente virtual o uso das novas tecnologias criaram condições diferenciadas para que todos repensassem os papéis de professor e aluno nesse novo paradigma educacional, analisando e revendo a maneira como planejam e participam das atividades pedagógicas. No Estágio Supervisionado também compreendemos que o professor precisa corresponder às novas exigências da educação, que é o pleno desenvolvimento do sujeito, de acordo com a cultura e o contexto social. Não basta apenas dominar a matéria que ensina, é preciso ter outros saberes para contribuir com a formação de cidadãos capazes, seguros, aptos para pesquisar, questionar, viver em grupo, em suma, para o exercício da cidadania. Portanto a formação docente do aluno de letras em EAD depende tanto das teorias quanto das práticas desenvolvidas na vida escolar.

Palavras-chave: Ambiente virtual. Interação. Aprendizagem. Prática.

## ABSTRACT

This report presents a reflection on the course of Letters DL, noting that all disciplines that are part of their curriculum were studied in a trade with the use of the virtual environment tools environment. The relationships with content and those who were part of the teaching / learning process happened so that the knowledge has contributed to the expansion of the worldview of all, also strengthening the ties of friendship and affection. Many of the discussions posted on the AVA have focused on improving the knowledge about the teaching of language and grammar of the text in the light of various theoretical. Showing the Portuguese language teacher needs to be in constant training, a more critical understanding about the teaching of how teaching and his equipment, in order to truly develop the communicative competence of the student so that he can properly employ language in different communicative situations. In the virtual environment the use of new technologies have created unique conditions for all to rethink the roles of teacher and student in this new educational paradigm, analyzing and reviewing the way we plan and participate in educational activities. In supervised also understand that the teacher must meet the new requirements of education, which is the full development of the subject, according to culture and social context. Sufficient not only to master the subject you teach, you must have other knowledge to contribute to the formation of citizens capable, safe, able to search, question, group living, in short, for the exercise of citizenship. Therefore teacher education student of letters in EAD depends both on theories about the practices developed in school life.

Keywords: Virtual environment. Interaction. Learning. Practice

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I: MEMÓRIAS .....</b>	<b>9</b>
1.1: Do Ambiente Virtual ao Presencial – Os Encontros Presenciais .....	9
1.2: O Fazer Pedagógico Vivenciado nos Estágios Anteriores .....	13
1.3: Reflexões Sobre o que Ensinar e como Ensinar .....	16
1.4: Contribuições do Curso para a Prática Pedagógica .....	21
<b>CAPÍTULO II: MOMENTOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV .....</b>	<b>32</b>
2.1: Caracterização da Instituição.....	32
2.2: Perfil da Turma Observada .....	35
2.3: Descrição das aulas durante o estágio .....	35
2.4: Análises do Livro Didático Adotado pela Escola .....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é uma etapa de formação acadêmica muito importante para o aluno. É a principal fonte para o conhecimento e habilidades essenciais para torna-se um bom educador, pois sabemos que não se desenvolve a habilidade técnica para ensinar apenas com teorias, mas sobretudo praticando, sentindo e vivendo o ambiente escolar.

E para quem já exerce a docência é necessário estagiar? Na verdade já exercer a profissão de educador, não significa que o aluno tenha apenas que ter o diploma, ou seja, não tenha que cumprir o estágio, pelo contrário ele precisa compreender o estágio como um momento de possibilidade para compreender o ensino, o compartilhamento de conhecimentos, de experiências e as relações envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. É claro que tem as exceções quando o aluno já ministra aulas em turmas do nível de ensino ao qual o estágio é destinado ele é dispensado.

O ambiente escolar propicia momentos de aprendizagem coletiva envolvendo estagiários, professores, alunos exigindo dos sujeitos envolvidos atitudes de reflexão, análise, estudo, discussão, descobertas e construção de possibilidades de aprender sobre como ensinar e aprender sobre como ser professor.

A ação do estagiário em sala de aula traduz uma maneira de pensar e agir que pedagogicamente pode ser analisada e explicada por teorias. No papel de estagiários devemos refletir sempre sobre a maneira como desenvolvemos a aula, os avanços dos alunos e como precisamos retomar o conteúdo caso seja necessário.

Na condição de docente o estagiário irá expor, explicar interpretar a sua ação cotidiana na sala de aula por meio de um relatório. Ao relatar as ações desenvolvidas no ambiente da sala de aula, irá expressar seus pensamentos, conhecimentos e recordações tomando como base as teorias estudadas no decorrer do curso.

Este relatório mostra de forma clara e objetiva as vivências no campo de estágio bem como traz uma reflexão acerca dos conteúdos estudados durante o curso e as contribuições dos mesmos para a prática pedagógica, não esquecendo os momentos presenciais de descontração e interação.

## CAPÍTULO I

### 1-MEMÓRIAS

#### 1.1Do Ambiente Virtual ao Presencial – Os Encontros Presenciais

A UEPB como instituição desenvolveu um papel muito importante na minha vida, por meio dela em 1997 me formei em Pedagogia, em 2005 concluí especialização em Formação do Educador, em 2010 apontou-me mais um caminho para seguir, estabeleceu um elo entre o sonho e o real, fui selecionada para cursar Letras. Era um sonho antigo que iniciou quando comecei a lecionar na disciplina de Língua Portuguesa em 1997, faltava oportunidade de curso que desse para conciliar trabalho e estudo e agora ao final do 8º período posso dizer que me sinto realizada.

Cursar Letras me deu uma oportunidade para pensar e reorganizar o que estava fazendo a 13 anos sendo professora de Língua Portuguesa, cada disciplina me dava subsídios teóricos para analisar as minhas ações e buscar mudanças no que já estava fazendo no intuito de fazer melhor. No caminho percebi a necessidade de transformar a minha prática não apenas para atender as teorias apresentadas durante a formação mas sobretudo como uma busca para desenvolver a aprendizagem dos meus alunos.

Ao ingressar no curso de Letras à distância procurei me familiarizar com as novas ferramentas de aprendizagem, seguindo as orientações dadas pelos tutores e professores procurando ser coerente na utilização dos recursos disponibilizados no ambiente virtual atendendo aos objetivos propostos. Confesso que não foi tão difícil, pois como educadora tinha aspiração de me apropriar e adequar meus conhecimentos ao uso dos recursos tecnológicos uma vez que vivemos em um momento da educação onde as inovações tecnológicas estão ganhando espaço e a educação não pode ser mais pensada desligada da tecnologia.

Quando fui apresentada a minha sala de aula virtual, o ambiente de aprendizagem utilizado nos cursos a distância da Universidade Estadual da Paraíba, o Moodle, compreendi que tinha pela frente um grande desafio: fazer bom uso das ferramentas das quais ele dispõe e administrar a minha própria aprendizagem.

Conforme Moran (1999, p. 17):

Precisamos reinventar a forma de ensinar e aprender, presencial e virtualmente, diante de tantas mudanças na sociedade e no mundo do trabalho. Os modelos tradicionais são cada vez mais inadequados. Educar com novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade. Temos feito apenas adaptações, pequenas mudanças. Agora, na escola e no trabalho, podemos aprender continuamente, de forma flexível, reunidos numa sala ou distantes geograficamente, mas conectados através de redes.

O uso das novas tecnologias cria condições diferenciadas para que todos repensem os papéis de professor e aluno nesse novo paradigma educacional, analisando e revendo a maneira como planejam e participam das atividades pedagógicas, dessa forma, compreendemos que alunos e professores estão em busca de uma forma adequada para aprender e ensinar numa modalidade de ensino que a cada dia supera obstáculos e apresenta novas propostas de mediação e de possibilidades de aprendizagem. Hoje, aprender não se restringe só a escola, aprende-se em todos os lugares, seja pessoalmente, seja pelos mais diversos meios de comunicação. O ensino a distância apresenta possibilidades concretas para o aprendiz, integra linguagens e recursos, apresenta informações de maneira organizada, onde a mediação é acessível tanto para o professor como para o aluno.

Ao primeiro acesso fiquei diante de novas situações de aprendizagem, pois tinha que lidar com as ferramentas do Moodle e conhecer a finalidade e a funcionalidade de cada uma delas, aos poucos fui aprimorando e potencializando o uso do ambiente virtual e ao interagir em cada página aumentando a minha motivação para aprendizagem, desenvolvendo determinadas habilidades com autonomia. Fui gestora do meu próprio tempo, por trabalhar nos três turnos muitas vezes tive que madrugar para compartilhar saberes e experiências ou para cumprir o prazo das atividades obrigatórias, fato este que só a educação a distância pôde me proporcionar. Aos poucos fui despertando e ganhando forma, expressão, contorno e perfil, deixando para trás a condição de um ser passivo e ia articulando os conteúdos, a aprendizagem com o meu contexto e meu conhecimento de mundo.

O AVA não foi utilizado como repositório de informações, mas favoreceu processos de ensino e aprendizagem mediados por discussões síncronas, assíncronas e produção do conhecimento. Os conteúdos disponíveis no ambiente procuraram incentivar a autoaprendizagem através da sugestão de sites e textos a serem lidos fora do ambiente do curso, ao mesmo tempo em que possibilitava uma aprendizagem colaborativa através da comunicação entre alunos e professor por meio de fóruns de discussão e chats.

O fórum de discussão é fundamental para se analisar as interações, sendo esta uma ferramenta essencial na aprendizagem, pois é o local de troca de ideias sobre um tema proposto pelo professor.

Os chats ampliaram a interação do aluno com o conhecimento, com o professor e colegas em tempo real visto que foram marcados com antecedência, para que nossos bate papos se tornem interessantes para todos os membros do grupo e as dúvidas fossem superadas. Tínhamos como recomendações fazer algumas leituras sobre o conteúdo antes de participar do mesmo, às vezes o assunto passava da formalidade para a informalidade por falta de leitura antecipada do conteúdo ou simplesmente pela vontade de se ter um contato mais informal com o professor. A análise de um simples “oi” pode ser compreendido de diversas formas, no entanto nos conduz a certeza de que ali tínhamos um professor, alguém que com poucas palavras estava disposto a nos motivar.

A interação no ambiente online ocorreu por meio da linguagem escrita, fizemos uso da mesma para redigir o que escrevemos muitas vezes no papel, deixando claro o que queríamos dizer e fazer, superando a recepção passiva do conhecimento, passando a participarmos como sujeitos capazes de propor e contrapor.

Aprendemos por meio dos fóruns e chats a duvidar, a perguntar, a querer saber, sempre mais e melhor, aos poucos fomos despertando, começando a ganhar forma, expressão, contorno e perfil e hoje nos encontramos na condição de sujeitos ativos, aptos a lecionar Língua Portuguesa pelo que foi plantado durante o curso.

Para Almeida (2003, p. 331) a “interação num AVA é fundamental para que os alunos possam organizar suas idéias, compartilhar seus conhecimentos tornando-se sujeitos autônomos de sua aprendizagem”.

Nesse sentido a EAD cria possibilidades para o desenvolvimento de um ensino de qualidade e inovador, pois garante o acompanhamento dos tutores para sanar dúvidas, avaliar e incentivar os alunos em seus estudos possibilitando o aluno ser mais ativo, responsável por sua própria aprendizagem e sobretudo para que aprenda a aprender.

Na sala de aula online o aluno ao utilizar o material didático elaborado pelo professor, é motivado a ser um agente capaz de gerar discussão, de questionar, pesquisar e contribuir com sua própria argumentação.

Os encontros presenciais foram um presente para nós de Letras em EAD, pois pudemos sentir o calor humano, a presença daquele que virtualmente já conhecíamos por suas palavras e modo de repassar seus conhecimentos virtualmente, bem como de compreender que questão mais complexa pede a presença do mestre.

O tempo de contato com coordenadores, professores e tutores foi pequeno, mas suficiente para deixar em nossas mentes marca que lhes são próprias seja no jeito de falar, vestir-se, como de orientar e transmitir seus conhecimentos. Jamais esqueceremos das mensagens lidas ou apresentadas em Power point, dirigidas a nós, enquanto aguardávamos ansiosamente as informações do encontro sobre o percurso que ainda tínhamos que percorrer.

A metodologia usada pelos professores e tutores nos dava esperanças de que poderíamos melhorar a nossa prática em sala de aula. Em um desses encontros os poemas recitados por determinado professor de forma natural e espontânea, como bem me lembro AsFlô de Puxinanã trouxe para o encontro a descontração e o divertimento promovendo uma relação dinâmica entre todos que faziam parte do encontro.

Como citou o professor em seu discurso de apresentação precisamos de momentos de descontração em sala de aula que faça com que o aluno se sinta mais à vontade, que a sua linguagem é reconhecida e valorizada. O desenvolvimento cognitivo tem relação com o desenvolvimento afetivo, podemos até considerá-los como dois lados de uma mesma moeda, essa compreensão tem como base a teoria de Piaget sobre inteligência e afetividade. Ao considerar que todo comportamento tem dois elementos o afetivo e o cognitivo, Piaget (1981b, p. 2-3 apud WADSWORTH, 1997, p. 37) diz que:

É impossível encontrar um comportamento oriundo apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo. É, igualmente, impossível encontrar um comportamento composto só de elementos cognitivos... Embora os fatores afetivos e cognitivos sejam indissociável num dado comportamento, eles parecem ser diferentes quanto à natureza... É óbvio que os fatores afetivos estão envolvidos mesmo nas formas mais abstratas de inteligência. Para um estudante resolver um problema de álgebra ou para um matemático descobrir um teorema, deve haver um interesse intrínseco, um interesse extrínseco ou uma necessidade de partida. Enquanto trabalha, estados de prazer, desapontamento, ansiedade tanto quanto sentimentos de sucesso ou fracasso podem ocorrer: e, finalmente, o estudante pode experimentar sentimentos estéticos fluindo da coerência de sua solução.

Piaget leva-nos a entender que as relações estabelecidas na sala de aula são fundamentais na construção do conhecimento, se existir um relacionamento amigável entre professor e aluno, a aprendizagem do aluno será mais significativa. Temos que ter em mente que a ação do professor em sala de aula não é apenas ensinar o conteúdo, ele nos ensina sobre a vida, como podemos lidar com os acontecimentos da vida e ser mais felizes. Pensar em educação é pensar num processo de aprendizagem que envolve professor-aluno como parceiros de uma caminhada que leva em conta a formação pessoal e profissional.

Por mais que o AVA seja um ambiente em que podemos interagir nada substitui o encontro com o outro, nada substitui o diálogo frente a frente, olho no olho, nada substitui o calor humano, a presença do bom professor. Foram tantas as contribuições dos encontros presenciais que ainda merece destaque o incentivo que tivemos para a construção de projetos, entre eles vale a pena destacar o que fez parte da minha participação no dia 05 de Dezembro de 2013 no Congresso Universitário da UEPB: Universidade, Ciência e Desenvolvimento Social, onde apresentei um trabalho em pôster.

No final de cada encontro tínhamos a possibilidade de um novo encontro e agora estamos nos preparando para as despedidas, torcendo para que novos encontros aconteçam e nos envolvam com novas aprendizagens.

Todos os encontros foram marcos de aprendizagem na nossa vida, cada um com seus objetivos e suas especificidades, um não substitui o outro, todos deixaram marcas de aprendizagem e ensinaram que devemos como educadores procurar sempre ser melhor do que já somos.

Os encontros nos impulsionaram também a refletir sobre os valores que como diz Fernando Pessoa: “O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que elas acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.

## **1.2 O Fazer Pedagógico Vivenciado Por Mimnos Estágios**

A formação docente depende tanto das teorias quanto das práticas desenvolvidas na vida escolar. O fazer pedagógico vivenciado por mimnos estágios em duas escolas de contextos diferentes, a do 1º estágio Escola José Leal Ramos situada na cidade de São João do Cariri e a outra do 3º e 4º estágio Jairo Aires Caluête situada na cidade de Parari, ofereceram-me elementos norteadores para reflexões sobre opções feitas na prática docente.

Cada estágio é uma experiência diferente, onde se apresentam novas situações de ensino-aprendizagem, novas temáticas e também novos questionamentos dando início a reflexão e a pesquisa.

### **O Estágio Supervisionado I:**

Com base nas aulas observadas percebi que o ensino de língua portuguesa desenvolvido pela professora numa turma de 8º ano estava vinculado a uma perspectiva de

ensino baseado numa concepção de linguagem interacionista, nos estudos lingüísticos de Bakhtin, uma vez que a professora partindo do pressuposto de que o aluno já domina a língua procura desenvolver um trabalho envolvendo a realidade do mesmo dando ênfase ao estudo da linguagem, a seu caráter interacional, enunciativo discursivo, objetivando um ensino mais significativo para o educando, de forma a instigá-lo, a aprimorar seus conhecimentos lingüísticos.

A avaliação da aprendizagem ocorreu de forma processual e contínua indo de encontro com a filosofia da escola, considerando o crescimento individual do aluno sobre a língua e servindo como diagnóstico para as mudanças no planejamento.

O material didático disponibilizado ao aluno era de boa qualidade com temas do seu interesse, pois os educadores costumavam trocar experiências ao se encontrarem na sala dos professores, assim como usufruía de aula departamental.

Em suma a professora possuía conhecimentos técnicos específicos a respeito do assunto que ensina e das coisas que o aluno estava querendo aprender, sem submetê-los a decoreba de regras gramaticais. Em cada aula observada a professora deu oportunidade de interagir com a realidade de seus alunos e comparar com sua bagagem de conhecimentos científicos, tornando uma aula onde as experiências e conteúdos tecem uma nova forma de perceber o mundo em nossa volta.

A etapa de planejamento vivida pelo corpo docente da escola me aproximou das obras de um autor Caririzeiro, obras estas que desconhecia e que são riquíssimas para o desenvolvimento da leitura e escrita dos nossos alunos.

## **O Estágio Supervisionado II:**

Do Estágio Supervisionado II fui dispensada por ser professora de Língua Portuguesa.

## **O Estágio Supervisionado III:**

O Estágio Supervisionado III proporcionou-me uma aproximação maior com outro nível de ensino, dando a oportunidade de ver de perto a evolução de cada aluno, refletir as estratégias de ensino utilizadas pela professora e ainda conhecer e interagir com alunos novatos.

A professora da turma observada desenvolvia na época um trabalho com contos de Machado de Assis usando as TICs, proporcionando momentos de aproximação dos alunos

com a literatura. Como conhecedora das teorias literárias trabalhou em sala de aula a discussão e a análise dos contos, ampliando a visão dos alunos a respeito da compreensão do fenômeno literário, da cultura de um povo além de despertar o gosto pela leitura e a valorização de obras regionais. Essa valorização das obras regionais se deu pela realização na escola de uma palestra com o autor Efigênio Moura, mostrando suas obras e em especial falando de *Ciço de Luzia*, obra que fazia parte do vestibular e trabalhada com o uso das TICs no 3º Ano Médio.

O ensino de literatura desenvolvido pela professora da turma observada valorizava o conteúdo não como mera disciplina, mas como efetiva prática social. Sendo conhecedora dos princípios da Estética da Recepção, incluía o leitor como elemento essencial dos estudos literários.

O que realmente pude constatar nesse estágio é que o ensino de Língua Portuguesa na turma observada vai além da decoreba de regras gramaticais. Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e especialização em Psicopedagogia, a professora leva em conta a compreensão da língua enquanto sistema heterogêneo, trabalhando a gramática de forma reflexiva, desenvolvendo situações de aprendizagem para que o aluno perceba a necessidade de adequar a linguagem às diferentes situações comunicativas de acordo com o contexto e com o interlocutor.

Na prática, durante os estágios também compreendemos que o professor precisa atender as novas exigências da educação que tem como meta o pleno desenvolvimento do sujeito de acordo com a cultura e o contexto social. Não basta apenas dominar a matéria que ensina, é preciso ter outros saberes para contribuir para a formação de cidadãos capazes, seguros, aptos para pesquisar, questionar, viver em grupo, em suma, para o exercício pleno da cidadania.

Para Freire é necessário saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas possibilitar sua produção e construção (1996, p. 47):

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. É extremamente necessário que os alunos não se submetam ao apenas copiar, mas se preocupem com o saber que será pertinente em sua vida profissional.

## **O Estágio Supervisionado IV:**

A minha experiência como estagiária foi muito preciosa, pois além de ter contato com outro nível de ensino, aproximei-me de alunos de outra faixa etária, pude interagir com os mesmos e acima de tudo procurar desenvolver estratégias que ampliassem os seus conhecimentos e a troca de ideias em sala de aula.

Procurei sempre iniciar as aulas por meio de questionamentos para trabalhar os conhecimentos prévios dos alunos e para que os mesmos interagissem com o conteúdo. Eles sempre estavam atentos às minhas explicações, alguns agiam ativamente fazendo perguntas outros permaneciam calados em seus lugares mas sempre que eram questionados diziam estar entendendo do assunto.

A minha relação com a professora da turma foi melhor possível, sempre me deu autonomia para desenvolver os conteúdos de acordo com a metodologia que era escolhida por mim, e se colocava a disposição para auxiliar nas dificuldades. Com a sua ajuda tive o máximo de aproveitamento das oportunidades disponíveis no campo de estágio, sempre com objetivo de fazer com que os alunos desenvolvessem o pensamento e ampliassem a capacidade reflexiva.

Momentos como os do estágio sempre ficam guardados na memória, pois no final do estágio já não somos os mesmos de quando iniciamos o estágio, saímos no último dia de estágio levando uma bagagem que nos orientará pelo resto de nossas vidas como profissionais.

### **1.3 Reflexões Sobre o que Ensinar e como Ensinar**

Todas as disciplinas que fazem parte da grade curricular do curso de Letras em EAD foram estudadas num ambiente de trocas com o uso das ferramentas do ambiente virtual, permitindo que as relações estabelecidas com o conteúdo e com todos que faziam parte do processo de ensino/aprendizagem acontecesse de modo que o conhecimento de um passasse a contribuir para a ampliação da visão de mundo de todos fortalecendo também os laços de amizade e a afetividade.

Muitas das discussões postadas no AVA tiveram como foco a ampliação dos conhecimentos acerca do ensino da língua, do texto e da gramática na perspectiva de vários teóricos.

Assim como fez Irandé Antunes em um de seus livros *Muito além da gramática*, vários professores introduziram determinados conteúdos a partir dos seguintes questionamentos:

- Que gramáticas existem?
- Língua e gramática são a mesma coisa?
- Basta saber gramática para ler e escrever bem?
- A norma de prestígio social deve ser a única considerada socialmente válida?

Tais indagações nos fizeram compreender que há muitos equívocos quanto à forma como a língua é concebida, de onde surgem esses equívocos e o que os mantém. Analisar criticamente diversas definições de língua e gramática como distinguir que concepções de gramática trazia algumas atividades publicadas em livros didáticos foi um bom caminho para compreendermos que há três tipos de abordagem e ensino da língua: prescritivo, produtivo e descritivo.

O ensino prescritivo aponta para uma postura que visa sobretudo substituir os usos e habilidades lingüísticas que o aluno traz para escola, tidos como errados, portanto inaceitáveis, por outros considerados corretos.

O ensino descritivo objetiva mostrar como a linguagem funciona e qual o mecanismo de determinada língua, tratando de habilidades já adquiridas sem intenção de alterá-las, mas indicando suas possibilidades de uso.

O ensino produtivo tem como foco ampliar a competência lingüística e comunicativa do aluno, respeitando seus conhecimentos lingüísticos já adquiridos ao longo da vida nas diversas comunidades.

Como professores sempre estamos a perguntar o que ensinar e como ensinar, antes de traçarmos qualquer plano de trabalho é preciso que resgatemos nossas concepções de linguagem e de ensino de língua, pois as concepções de linguagem e de ensino do professor são vitais para a configuração do processo ensino-aprendizagem, pois definem não só a prática pedagógica, bem como as metodologias adotadas.

As concepções teóricas dão subsídios para o professor direcionar seu planejamento e traçar um caminho que deverá ser percorrido para que os alunos desenvolvam as capacidades desejadas. Dessa forma Antunes (2009, p.218):

... ensinar línguas e avaliar ensino de línguas são atividades que refletem as concepções que temos acerca do que é uma língua, do que são seus diferentes componentes, e de como tais componentes intervêm na sua atualização. Dessas concepções vai derivar, naturalmente, o próprio objeto

de ensino e da avaliação e, em desdobramento, todos os paradigmas de tratamento das questões linguísticas. Objetivos e conteúdos, atividades e práticas, tudo vai ser consequência das linhas teóricas às quais emprestamos credibilidade e saliência. As atuações pretendidas para as áreas do ensino e da avaliação ressentem-se, assim, da natureza das concepções teóricas que as inspiram.

O professor de língua portuguesa precisa estar em constante formação, ter uma compreensão mais crítica a respeito do que ensina, da forma como ensina e do seu material de trabalho, para que realmente possa desenvolver a competência comunicativa do aluno de forma que ele possa empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação.

Segundo Nobrega (2012, p.11, 12): “Engajar-se nessa luta por um ensino mais comprometido com o social exige, porém, fundamentação teórica, estudo e pesquisa, sem os quais correríamos o risco de adotar um discurso vazio, romântico, utópico.” Nesse sentido o trabalho em sala de aula precisa organizar-se em torno do uso da língua: do ensino da leitura, da produção oral e escrita e da gramática como uma prática de reflexão sobre a língua e seus usos, necessária para a instrumentalização dos alunos na leitura e na produção de textos.

Nesse ir e vir do pensamento em busca de descrever minha trajetória enquanto aluna do curso de Letras em EAD vale apenas lembrar que começamos nossas reflexões e registros a respeito da língua estudando o seu passado na unidade I do módulo de Língua Portuguesa, estruturado pela professora de Língua Portuguesa do 1º período, pois a instituição de ensino UEPB teve a preocupação de elaborar o material de estudo com vistas a atender as necessidades dos alunos em EAD, que na sua maioria já estavam em sala de aula desenvolvendo um trabalho com a Língua Portuguesa.

Fizemos uma viagem pela história da língua portuguesa, conhecemos as suas origens, as fases pelas quais passou e as influências que recebeu durante o processo histórico. Nessa viagem não poderia deixar de citar os textos abaixo:

### **Língua Portuguesa**

Última flor do Lácio, inculta a bela,  
 És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
 Ouro nativo, que na ganga impura  
 A bruta mina entre os cascalhos vela...  
 Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
 Tuba de alto clangor, lira singela,

Que tens o tron e o silvo da procela  
 E o arrollo da saudade e da ternura!  
 Amo o teu Vico agreste e o teu aroma  
 De virgens selvas e de oceano largo!  
 Amo-te, ó rude e doloroso idioma,  
 Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”  
 E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
 O gênio sem ventura e o amor sem brilho!  
 (BILAC, Olavo. In: Olavo Bilac- Poesia. 2. ed. Rio de Janeiro. Agir, 1959, p. 86)

## Língua

Gosto de sentir a minha língua roçar  
 A língua de Luiz de Camões  
 Gosto de ser e de estar  
 E quero me dedicar  
 A criar confusões de prosódia  
 E uma profusão de paródias  
 Que encurtem dores  
 E furtem cores como camaleões  
 Gosto da pessoa na pessoa  
 Da rosa no Rosa  
 E sei que a poesia esta para a prosa  
 Assim como o amor está para a amizade  
 E quem há de negar que esta lhe é superior  
 E deixa os portugueses morrerem à míngua  
 “Minha pátria é minha língua”  
 Fala mangueira!  
 Fala!  
 Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas  
 E o falso inglês relax dos surfistas  
 Sejamos imperialistas  
 Vamos na vela de dicção choochoo de Carmem Miranda  
 E que Chico Buarque de Holanda nos resgate

E- xeque-mate- explique-nos Luanda  
 Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV globo  
 Sejam os lobo do lobo do homem  
 (...)  
 Flor do Lácio sambódromo  
 Lusamérica latim em pó  
 O que quer  
 O que pode  
 Esta língua  
 (VELOSO, Caetano. Velô. LP Philips nº 8240244, 1984. L.2, f.5.)

Tais textos nos levaram a pensar a respeito da origem e das influências que a Língua Portuguesa recebeu ao longo dos tempos, da diversidade e do papel que ela desempenha no nosso dia a dia. Esse poema foi como se fosse um convite para procurarmos conhecer melhor a Língua Portuguesa e, sobretudo valorizá-la. Devemos sempre vê-la como algo vivo e dinâmico, a língua é viva, acompanha um povo ao longo dos tempos, expressando uma maneira de organizar o mundo em nomes e estruturas lingüísticas, mudando e reinventando-se com as pessoas. Nesse processo ela incorpora novos falares, amplia e se transforma. Por ser uma língua viva é dinâmica a Língua Portuguesa está sujeita a variações, pois ela não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social e assim por diante. Em uma mesma comunidade lingüística coexistem usos diferentes do idioma, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de tal ou tal variedade é a situação concreta de comunicação.

Como disse Bakhtin (2006,p.125apud ARAUJO,2012,p.15) se opondo à abordagem estruturalista do fenômeno lingüístico:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Para ler e escrever melhor é necessário refletir sobre a língua em uso, compreendendo a linguagem como forma de interação e a língua como um objeto heterogêneo, a partir de enunciados concretos. Para planejar o ensino de Língua Portuguesa na perspectiva

sociointeracionista de linguagem, requer entre outras coisas, a compreensão do gênero discursivo como uma prática social de articulação de nossas relações com o mundo e com os outros. Oportunizar aos alunos o trabalho com os gêneros discursivos é uma oportunidade de refletir sobre a utilização da língua nos diversos usos cotidianos, uma vez que os gêneros discursivos são organizadores e organizados nas e pelas interações verbais reais na sociedade isto quer dizer que nas nossas vivências sociais nos comunicamos com outros sujeitos.

As teorias estudadas no decorrer do curso sobre o ensino da língua materna mostrou a importância de priorizar o elemento comunicativo da língua, o seu uso, visto que o desenvolvimento da capacidade lingüística depende da experiência do aluno com a língua em situações significativas.

Em relação à leitura buscamos respostas para os questionamentos e realizamos pesquisas sobre: Como despertar o interesse dos alunos pela leitura? Que caminho o educador deve seguir? Como ajudar o aluno a relacionar um texto com outros assuntos que conheça no seu dia a dia? Foram vários os teóricos estudados, cada um com suas ideias, mas enfatizando algo em comum a necessidade da escola criar e até ampliar espaços para o desenvolvimento da prática de leitura e da escrita dos alunos. Cabendo à escola não só ensinar o aluno a ler, mas também ensiná-lo a utilizar a leitura como fonte de informação, enriquecimento cultural, lazer e, sobretudo como fator principal para o desenvolvimento da sua cidadania. No papel de aluno e de educadores refletimos muitas vezes sobre nossa prática em sala de aula, realizamos pesquisas pensando na formação de leitores competentes, que não apenas decodifiquem, mas que entendam o que se encontra nas entrelinhas de um texto.

Ao final do curso não me considero pronta e acabada, me defino como eterno aprendiz sou consciente de que a profissão de educador requer busca constante de formação para ampliar a condição de orientar e direcionar aprendizagens, tal condição muitas vezes envolve conhecimentos específicos e visão de mundo. Na verdade como em qualquer profissão o educador só terá sucesso se buscar melhorias para sua atuação e tiver amor pelo que faz.

#### **1.4 Contribuição do Curso para a Prática Pedagógica**

Durante o percurso do curso de Letras realizei atividades cujas propostas contribuíram para o desenvolvimento de minha prática pedagógica. Foram várias as sequências didáticas envolvendo a leitura, oralidade e produção de texto.

Pensar nas contribuições do curso para minha prática pedagógica como professora de Língua portuguesa há 18 anos, é como rever um filme, é comparar o meu fazer pedagógico

antes e agora depois de estudar diversos teóricos e avaliar diversas formas de estratégias metodológicas trazidas pelas propostas didáticas de diversas disciplinas do curso de Letras.

É também se questionar: O que ensinava? Como ensinava? Responder a esses questionamentos apesar do tempo transcorrido, não é tão difícil, porque quando agente é professor porque gosta do que faz, nada vai para o esquecimento, mesmo os aspectos negativos vivenciados no decorrer da prática ficam guardados na memória como pontos positivos de experiências vivenciadas.

Confesso que por desconhecer as diversas abordagens do ensino de Língua Portuguesa, seguia as noções de ensino trazidas pelos livros didáticos que nem sempre correspondia a um ensino de língua voltado para os aspectos dialógicos e semânticos. Com o passar do tempo a escolha do livro didático passou a ser realizada pela própria instituição de ensino, pelos professores que lecionavam a disciplina e houve também uma grande melhoria quanto aos livros didáticos que eram propagados para escolha pelo guia didático do PNLD.

A escolha dos livros didáticos passou a acontecer a partir da análise feita pelos professores de exemplares que eram enviados para a escola pelas editoras, alguns livros que eram mostrados pelo guia didático não chegavam à escola e nos então fazíamos a escolha baseada nos exemplares que chegavam, durante a escola sempre tínhamos a preocupação de analisar os pontos fortes e fracos de cada livro de acordo com as descrições feitas pelo guia didático. Aos poucos foram acontecendo novas exigências do próprio sistema de ensino quanto a divulgação do material a ser escolhido pelos professores e a proximidade com as novas perspectivas de ensino.

E assim as mudanças iam sendo incorporadas na minha prática de maneira implícita, sem seguir uma base teórica de forma consciente, em minha mente possuía apenas as bases teóricas do curso de pedagogia, tendo uma visão de que é era preciso inovar, fugir das práticas pedagógicas tradicionais, dar vez e voz ao aluno para a produção de um ensino criativo, reflexivo e baseado na interação tão falada do teórico Visgotkys.

Seguindo então as teorias do curso de pedagogia e as orientações dos livros didáticos além das trocas de experiências proporcionadas pelos colegas de trabalho na escola, desenvolvia o ensino de vários gêneros textuais como reportagem, jornal falado e escrito, contos poesias, paródias, dramatizações, charges etc. com objetivo de trabalhar a escrita e a oralidade em sala de aula. Nesse aspecto tinha a certeza que estava seguindo o caminho certo apenas desconhecia a forma de como poderia estruturá-los no papel de acordo com a caracterização de uma sequência didática.

Só depois de estudar as sequências didáticas no curso de Letras foi que me dei conta de que guardá-las apenas na mente não era o suficiente, como profissional da área de Letras teria que estruturá-las no papel para que pudesse usá-las em outros momentos como subsídios pedagógicos para um bom planejamento e melhoria da prática pedagógica.

À medida que o curso ia acontecendo fomos nos deparando com propostas de produções de sequência didática, com modelos baseados em estudos teóricos o que muito contribuiu para ampliação dos meus conhecimentos em relação a este gênero didático, algumas delas produzidas durante o curso acabaram ganhando vida, levei-as para sala de aula e foram desenvolvidas pelos meus alunos. Uma delas irei descrever abaixo:

Contos de assombração realizadas no 7º ano do ensino fundamental.

Na primeira etapa introduzi o assunto fazendo levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito do gênero textual contos, fazendo questionamentos sobre quem gostava de ler ou ouvir contos, que tipos de contos costumavam ler ou ouvir, o que é um conto, quais as características de um conto e em seguida falei que iriam pesquisar contos na comunidade, para registrar as memórias das pessoas mais velhas e formar um livro para ficar na biblioteca como um resgate da nossa cultura.

Na segunda etapa levei-os ao laboratório de informática para realização de uma pesquisa sobre contos de assombração, de acordo com os sites selecionados para evitar o distanciamento do assunto em relação ao ato de navegação na internet; a pesquisa foi muito produtiva, pois depois eles falaram dos contos pesquisados com muito entusiasmo.

Terceira etapa dos contos pesquisados um deles foi escolhido para estudo, então fizemos uma análise mesmo quanto a sua estrutura, a linguagem empregada, o contexto, os locutores e interlocutores.

Quarta etapa nesta etapa foi realizada uma pesquisa com pessoas mais velhas da comunidade sobre os contos que eram ouvidos e contados antigamente. Cada grupo levou um conto pesquisado, escrito de acordo com a oralidade de quem contou.

Quinta etapa nesta etapa a preocupação foi em avaliar os aspectos da linguagem do conto pesquisado e fazer adequações quanto à linguagem formal desenvolvendo um trabalho com o discurso, assim durante a etapa de transcrição dos contos ouvidos foi necessário orientá-los quanto à escrita. Diante de algumas observações em relação ao modo como escreveram tive que fazer alguns questionamentos para que compreendessem o como registrar e evoluíssem em suas produções. Vale apenas lembrar alguns questionamentos como:

-Em que pessoa devo produzir o texto?

-De outra forma como posso registrar a falado narrador?

-Se o fato aconteceu no passado e envolve uma ação concluída que tempo verbal posso empregar?

-Como podemos registrar a fala das personagens da maneira como foi falada?

-Como registrar o que o personagem falou utilizando suas palavras?

-Que tempo verbal preciso utilizar para registrar um fato observado no passado?

-O sujeito está concordando com o verbo?

Foram estes e tanto outros questionamentos quanto aos aspectos semânticos, morfológicos e discursivos da linguagem que fizeram parte da produção, contribuindo para que o aluno compreendesse o modo de transcrever uma história contada, colaborando para que realizassem reescritas, acrescentando palavras, substituindo outras ou mesmo tendo que eliminar ideias que já havia sido acrescentada a mais, para não comprometer os acontecimentos da história contada pela pessoa da comunidade, isto é a origem do conto pesquisado.

Nas idas e vindas das reescritas dos alunos pude avaliar o quanto estavam empolgados com a escrita, o quanto buscavam as palavras para substituírem os modos do discurso; em nenhum momento pareciam desestimulados em fazer as adaptações quando percebiam que teriam que escrever de outra maneira.

Quando finalmente percebi que os textos atendiam as características do gênero em estudo levei para laboratório para que digitassem. Os problemas com a falta de hábito quanto a digitação e até mesmo desconhecimento quanto ao uso das regras de digitação, não impossibilitou a digitação, pelo contrário aqueles que dominavam essa habilidade se aproximaram dos que estavam com dificuldades para ajudar, uma vez que o professor sozinho não dava conta de orientar vários alunos ao mesmo tempo.

Foi uma proposta de atividade prazerosa que envolveu diversos tipos de conhecimentos e a interação entre comunidade, aluno, professor, numa relação em que o conhecimento é produzido e não uma cópia.

Com base nas experiências das sequências didáticas produzidas e desenvolvidas em sala de aula, vou conceituá-las da seguinte forma: Sequências didáticas entendo como procedimentos planejados e organizados por etapas, de forma sistemática para serem desenvolvidos em um período de tempo.

Segundo Marcuschi (2008, p.214): “A finalidade de trabalhar com sequência didáticas é proporcionar ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero.” A organização e a sistematização do trabalho pedagógico são muito importantes para a aprendizagem dos alunos, pois ao planejar o professor além de procurar

diversificar as atividades, favorece a interação dos alunos com o objeto do conhecimento e procura diagnosticar os conhecimentos que eles já possuem sobre determinado conteúdo.

A elaboração de sequências didáticas nos faz pensar sobre situações diversificadas de leitura e escrita de acordo com os objetos elencados. As sequências didáticas também contribui para uma avaliação mais significativa pois a partir dela temos clareza do que será ou foi ensinado para que possamos construir instrumentos que possibilitem uma melhor avaliação e compreensão dos processos percorrido pelo alunos até a etapa final.

Schnwuly e Dolz (2008) ao proporem o trabalho com sequências didáticas defendem que uma primeira etapa para se planejar o ensino é avaliar o que os alunos já são capazes de fazer de modo autônomo. Em relação a produção de texto propõem que antes de solicitar que o aluno produza texto de um determinado gênero, seja realizada uma situação inicial que ajude-o a mobilizar seus conhecimentos prévios, para poder em seguida construir meios para que tenha conhecimentos suficiente sobre o tema e a situação de interação na qual o texto será produzido.

É o planejamento que direciona o trabalho a ser realizado no decorrer das atividades, permitindo que as sequências didáticas nos façam refletir sobre o que precisa ser feito e como fazer, além de avaliar os resultados. É fundamental engajar os alunos em um projeto de escrita, que possa definir finalidades e destinatários para a escrita dos textos. Os autores Schnwuly e Dolz (2008) no que se refere a finalidade dos gêneros textuais enfatizam que possuem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto contribuindo para escrever ou falar de forma mais adequada numa situação de comunicação.

A estrutura de uma sequência didática de acordo com os estudos dos autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, apud MARCUSCHI, 2008, p.214) obedece a um esquema em que são distintos os seguintes componentes de forma sequenciada: apresentação da situação; produção inicial; módulo1; módulo2; módulo3 e produção final.

A apresentação da situação: Tem por objetivo expor aos alunos de forma detalhada, a tarefa expressa oral ou escrita do gênero que será trabalhado em módulos até se chegar à produção final que se almeja. É fundamental que nesta parte sejam apresentados exemplos do gênero a ser realizado, de forma escrita ou por meio de áudio caso se trate dos gêneros orais. Ao proporcionar esse primeiro encontro com o gênero em estudo, o professor pode desenvolver uma discussão a respeito dos aspectos de sua organização.

A primeira produção: Seja ela oral ou escrita, individual ou coletiva, dar possibilidade para que o professor avalie os conhecimentos dos alunos em relação ao gênero em estudo e que capacidades precisam ser desenvolvidas. Essa primeira produção poderá servir para se

fazer os ajustes de acordo com os aprofundamentos que deverão acontecer seguindo uma sequência de módulos até a etapa final. A primeira produção então será avaliada e revisada tantas vezes forem necessárias, passando por módulos, até chegar ao estágio final de elaboração.

Nos módulos: São trabalhados os diversos componentes do gênero em estudo obedecendo a uma sequência conforme os problemas que forem aparecendo desde a avaliação inicial. Passo a passo o aluno vai elaborando os componentes do gênero, trabalhando os problemas apresentados até que a produção esteja totalmente de acordo com o gênero desejado. No decorrer da produção o aluno precisa exercitar habilidades de compreensão e produção textual, se apropriar de conhecimentos sobre a estrutura textual do gênero em estudo, da linguagem utilizada, além de se situar em relação aos propósitos culturais e usos sociais característicos do gênero. Podemos então dizer que esta etapa é realizada por meio da sistematização e do aprofundamento que já estava acontecendo de acordo com as dificuldades dos alunos e as necessidades de subsídios para ampliação dos acontecimentos.

A produção final: Ao chegar a essa etapa o aluno consegue apresentar de forma prática os conhecimentos adquiridos, e junto com o professor podem avaliar os progressos ocorridos.

Outro aspecto que se modificou na minha prática pedagógica foi em relação à questão da elaboração de atividades, que saiu do aspecto descontextualizado para a utilização de questões com base em um contexto. A partir do momento que comecei a interagir com os conteúdos apresentados no curso percebi que era necessário investir em questões contextualizadas a partir de gêneros textuais como charges, tirinhas, outdoor, anúncios etc. pois as mesmas eram trabalhadas em sala de aula apenas no livro didático, já que os exercícios trabalhados em sala eram todos mimeografados impossibilitando o uso de imagens.

Percebendo então a necessidade de sair desse lugar em que estava ancorada a minha prática pedagógica, procurei alternativas para trabalhar com a diversidade de textos que circulam em nossa sociedade, e então passei a usá-los frequentemente em outras atividades, para que realmente essas outras atividades se aproximassem da forma como eram trabalhadas no livro didático. Procurei avançar quanto à proposta do ensino de língua, desapegar de atividades voltadas totalmente para a classificação gramatical (morfológica e sintática) e incluir atividades que levassem em consideração à aquisição de noções de grande importância como enunciado, texto e discurso, intencionalidade lingüística, o papel da situação de produção na construção do sentido dos enunciados, preconceito lingüístico, variedades lingüísticas, a semântica, as variações de registro (graus de formalidade e pessoalidade). Os livros didáticos já adotados contribuíram muito para essa mudança, uma vez que a língua

adotada por eles não é tomada como um sistema fechado e imutável de unidades e leis combinatórias,mas como um processo dinâmico de interação.

Agora no meu fazer pedagógico o trabalho lingüístico não se limita a frase, os conceitos gramaticais são trabalhados através da leitura, observação, comparação, discussão, análise, e inferências. Normalmente a construção do conceito é trabalhado partindo da observação de um fato lingüístico em um gênero textual e a ampliação da abordagem do conteúdo gramatical em estudo é explorado pela perspectiva da semântica ou da análise do discurso também promovida pelo uso de gêneros textuais.

De acordo com Antunes(1997,p.60): “a familiaridade dos alunos com a diversidade dos gêneros os deixará aptos a perceberem a e a internalizarem as regularidades típicas de cada um desses gêneros, além de favorecer a capacidade de alterar os modelos e criar outros novos.”

O uso de gêneros textuais são muito importantes,pois precisamos considerar as diferentes práticas de letramento, isto é as diferentes formas de interagir com a escrita em práticas sociais e de acordo com o contexto em que a linguagem é utilizada. Vygotsky atribui enorme importância ao papel da interação no desenvolvimento humano,para ele o desenvolvimento do sujeito acontece a partir das constantes interações com o outro. O ensino dos gêneros textuais objetiva instrumentalizar os alunos com as ferramentas necessárias para agirem e interagirem no meio social.

Com o avanço do desenvolvimento da linguística textual, quefocou seu objeto de estudo não mais na palavra ou frase, mas sim no texto, concebendo a linguagem como interação, passou-se então a ter necessidade de descrever e explicar a língua dentro de um contexto, considerando suas condições de uso, afinal quem escreve precisa saber para quem está escrevendo, o que quer dizer e com que objetivo está escrevendo.Muitas vezes, entender um texto isoladamente, julgar a qualidade do texto fora do contexto em que ele foi produzido e da situação na qual ele será lido é quase impossível.

Os gêneros fazem parte do nosso dia a dia e se articulam uns com os outros nas diversas atividades em que há interação, mas não basta que o aluno tenha acesso a uma diversidade de textos que circulam na sociedade, é preciso também que o professor oriente o trabalho com textos, com objetivos bem definidos desde da identificação, da forma de organização, das situações de uso isto é quem escreve,sobre o que escreve,para quem escreve e com que objetivo escreve. É preciso levar os modos de produção de texto para o espaço da sala de aula de forma a capacitar os alunos para sua formação de leitor e produtor textual.

Ao analisar o formato composicional de um texto devemos ter claro a distinção entre gênero textual e tipo de texto. Os tipos de texto abrangem um número finito de Categorias, (narrativo, descritivo, informativo, argumentativo, injuntivo e explicativo). Ao contrário dos gêneros que são inúmeros (contos, piadas, resenhas, charge, cartum, outdoor, notícia etc.). Os textos são classificados de acordo com a tipologia, as funções da linguagem, a intencionalidade do emissor, a prosa base, traços lingüísticos ou estruturais, efeitos pragmáticos, variedades da linguagem, recurso estilísticos e retóricos.

Em relação às funções da linguagem, os textos podem manifestar diferentes intenções do emissor: convencer, seduzir, entreter, sugerir etc. Quanto à trama consiste em diferentes modos de apresentar determinados conteúdos; alguns textos narram acontecimentos, outros comentam, explicam e discutem. Essas tramas são as chamadas narrativas, argumentações, descrições e conversação.

O critério de classificá-los também em relação à trama foi necessário porque se percebeu que a classificação apenas em relação às funções da linguagem não era satisfatória. De acordo com Souza (2012, p.45 apud KAUFMAN e RODRIGUES 1995, p.18) os textos obedecem às seguintes classificações conforme mostra a tabela abaixo:

Função Trama	Informativa	Expressiva	Literária	Apelativa
Descritivo	-Definição -Nota de enciclopédia -Relato de experiência científica		-Poema	-Aviso -Folheto -Cartaz -Receita -Instrução
Argumentativa	-Artigo de opinião -Monografia			-Aviso -Folheto -Carta -Solicitação
Narrativa	-Notícia -Biografia -Relato -Histórico -Carta	-Carta	-Conto -Novela -História em quadrinhos	-Aviso -Histórias em quadrinhos
Conversacional	-Reportagem -Entrevista		-Obra de teatro	-Aviso

SOUZA, Amasille Coelho Lisboa da Costa. **Prática PEDAGÓGICA 3**. Campina Grande: EDUEPB, 2012, P 45 in KAUFMAN, A.M.; RODRIGUES, M.H. **Escola, leitura e produção de texto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.18.

O agrupamento proposto pelos autores consiste na organização dos gêneros textuais conforme as semelhanças apresentadas por eles nas situações de produção, caracterizadas em função das capacidades de linguagem envolvidas na produção e compreensão desses gêneros, a tipologia geral e o domínio social da comunicação a que pertencem os textos.

A partir de trabalhos como os de Bakhtin (1997), Dolz e Schneuwly (1999), entre outros que se preocupam com uma prática que privilegie a interação verbal e as diversas situações de interlocução podemos adotar um ensino cuja abordagem principal seja levar o aprendiz ao domínio da compreensão e da produção de diferentes gêneros orais e escritos, conforme os diversos propósitos comunicativos com que esses gêneros circulam socialmente.

O trabalho com os gêneros na escola também contribui para uma postura mais reflexiva em relação à língua, pois ao analisar as formas composicionais e os estilos constituintes dos gêneros, os alunos acabam também refletindo sobre a adequação dos elementos da língua à situação de produção e enunciação que determinou a utilização ou o surgimento do gênero analisado.

Segundo Bakhtin (1997) os gêneros textuais possuem certa estabilidade, que é relativa, pois eles são mutáveis, ganham diferentes formatações à medida que os indivíduos necessitam adaptá-los às diferentes situações comunicativas.

Portanto, para que os alunos dominem diferentes gêneros, é necessário que o professor construa estratégias de ensino, sendo um facilitador, um orientador no percurso discursivo textual, levando em conta a necessidade de tornar os alunos proficientes leitores e produtores de textos. O desafio dos docentes está então em criar situações em sala de aula que permitam a apropriação da diversidade de gêneros. Essa apropriação não pode estar limitada ao que os livros didáticos trazem, nem ao que oferecem como atividades é preciso que sejam promovidas atividades em que os alunos leiam textos nos respectivos suportes em que foram publicados.

Quanto à parte literária como educadora sempre tive preocupação com a leitura, e depois que entrei no curso de Letras o desenvolvimento de atividades tendo como foco a leitura passaram a acontecer de forma mais frequentes. Os incentivos à leitura espontânea são constantes, uma vez que em sala de aula muitas vezes nos deparamos não apenas com alunos que não possui o hábito de ler, como também com alunos que não compreendem o que ler, ou simplesmente não ler em público.

Procurando fazer com que os alunos superem essas dificuldades procuro desenvolver trabalhos com diversos gêneros literários, sempre ensinando as estratégias de leitura, pois por meio delas o aluno pode estabelecer relações entre os seus conhecimentos prévios e as novas informações contidas no texto, bem como fazer inferências, comparações e previsões.

O uso das estratégias de leitura também é importante para o aluno processar críticas e avaliar as informações ao longo da leitura contribuindo para a formação de um leitor

autônomo, uma vez que o ato de ler está alicerçado na capacidade humana de compreender e interpretar o mundo.

Sempre que trabalho com um gênero literário em sala de aula, estimo o aluno a fazer adaptações, a usar o seu espírito criativo e produzir outra versão para o que leu para ser apresentada em sala de aula, pois um texto literário não pode ser considerado como um texto acabado, o aluno não pode ter uma atitude passiva diante dele, ao entrar no mundo da literatura ele no papel de aluno ativo poderá reconhecer e questionar as especificidades de linguagem, as intertextualidades, as relações com contextos de produção e recepção das obras, podendo até desenvolver o senso crítico como se os conhecimentos estivessem acontecendo no presente. Sobre a relação entre leitura e escrita Antunes (2003, p.67) diz que:

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe-se muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor.

A escrita não pode ser desvinculada da leitura, as experiências adquiridas através da leitura influenciam de muitas maneiras na escrita. A leitura é a forma de enriquecimento da memória e do conhecimento sobre os mais variados assuntos que se pode escrever, por meio da leitura construímos uma grande intimidade com a escrita.

O trabalho com o texto literário é sem dúvida, uma das mais significativas experiências de leitura que a escola pode e deve oferecer, uma vez que a literatura é feita da junção entre texto e leitor, produzindo sentidos que nunca são acabados, mas em processo de formação constante. Um texto não se fecha em si mesmo, nele se ouvem muitas vozes, palavras que dialogam entre si, que dialogam com novos textos, que revelam as falas de hoje nas falas de outros tempos, que aproximam diferentes lugares.

A literatura produz conhecimentos, pois ela representa épocas, estilos de vida que não vivemos, mas que tem relação com o que somos hoje. Um texto literário nos conduz a viagens imagináveis, por meio delas vivenciamos alegria, felicidades, surpresas sempre divertindo e ao mesmo tempo estimulando a aprendizagem.

As propostas curriculares expressam claramente a importância do ensino de literatura integrado aos costumes do próprio cotidiano de ensino, provocando um processo de identificação na qual o aluno compreenda a própria realidade e desenvolva o prazer pela leitura literária e a capacidade expressiva.

Os espaços de leitura na sala de aula precisam ser multiplicados, não basta apenas que se leia na escola, é preciso estimular a leitura em diferentes espaços envolvendo outras pessoas que faz parte da nossa sociedade, no entanto é importante que também a leitura tenha um espaço permanente na sala de aula.

Para que isso aconteça, nós professores precisamos ter o domínio de boas estratégias didáticas para poder abordar os textos literários proporcionar aos alunos experiências significativas que possam contribuir para a construção do gosto pela leitura e do desenvolvimento da capacidade leitora. Precisamos não apenas ser modelos de leitores,mas ler para desenvolvermos nossa própria capacidade de leitor.

## CAPÍTULO II

### MOMENTOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV

#### 2.1 Caracterização da Instituição

A E.E.F.M.Jairo Aires Caluête é uma escola moderna tendo sido inaugurada em 08 de Março de 2013, já estava em funcionamento desde Setembro de 2012. O nome da escola foi uma homenagem póstuma, recebeu esse nome a partir do projeto de lei de N° 1908/2010 da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba pelo fato do homenageado ter se destacado na cidade como escrivão do Cartório e no cenário político como vereador e vice-prefeito da cidade de São José dos Cordeiros a qual Parari era vinculada como distrito, passando a ocupar o cargo de prefeito em 1997, 3 anos depois da emancipação política de Parari.

Este novo espaço educacional é atualmente considerado uma conquista da comunidade, tendo em vista que a unidade da rede estadual existente na cidade E.E.F.M.Joaquim Alves Caluête, nome de um agropecuarista e delegado da região, pai do atual homenageado nas novas instalações, não tinha condições de infraestrutura para o funcionamento, possuía apenas uma área de 1.085m, sendo apenas 306.56 m de área coberta, tendo as turmas do 6º ao 9º ano que estudavam em outra escola da rede municipal situada na mesma rua a poucos metros de distância, e a EJA já chegou até a funcionar no teatro Padre Ibiapina prédio situado próximo ao prédio da escola estadual, em decorrência da falta de espaço físico.

O início do ensino fundamental aconteceu no ano de 1981 com professores vindos da cidade vizinha Serra Branca, foi aberta apenas uma turma de 5ª série, aumentando a cada ano uma turma até formar turmas de 5ª a 8ª série. Depois de concluir o ensino fundamental os alunos tinham que se deslocar para cidades vizinhas para fazer o segundo grau. No ano de 1990 foi fundado o ensino médio iniciando apenas com uma única turma e sucessivamente foi dando abertura a outras turmas até chegar ao funcionamento do 1º ao 3º ano.

Para chegar a essa conquista foram muitos os desafios foram vivenciados pela antiga clientela da escola e por educadores desde a vinda em jipe, caminhonetes, cavalo, a pé a ter que enfrentar em períodos de chuva a travessia de rios e riachos com água.

A nova escola foi construída com recursos na ordem de R\$ 850.399,37, é fruto de parceria entre o Governo do Estado e Governo Federal, faz parte do Programa Mais

Educação(educação em tempo integral) possui 220 alunos matriculados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

A estrutura física da escola segue o padrão de outras escolas já inauguradas no Estado da Paraíba possuindo área do terreno de cem (100,00m) metros de frente e fundos, por cem (100,00m) metros de comprimento de ambos os lados,correspondendo a umaárea total de10.000,00m<sup>2</sup> com capacidade para 428 alunos, construída com sete salas de aula, laboratórios de informática, ciências, secretaria, sala de professores, área de serviços, cozinha e despensa conforme estar descrito abaixo:

- 7 Salas de aula
- 1 Diretoria
- 1 Secretaria com arquivo e almoxarifado
- 1 Sala de professores
- 1 Laboratório de informática
- 1 Laboratório de ciências
- 1 Cozinha com panelheiro e departamento de alimentos
- 1 Departamento de material de limpeza
- 1 Área de serviços com banheiro
- 1 Pátio coberto
- 2 Banheiros para alunos (feminino e masculino)
- 2 Banheiros para deficientes (feminino e masculino)
- 2 Banheiros para funcionários (feminino e masculino)
- SHAFT
- 1 Mini – biblioteca
- 1 Cisterna
- 1 Caixa d'água

Atualmente com uma clientela de 236 alunos distribuídos da seguinte maneira:

6 °Ano A: 24 alunos

6° Ano B:24 alunos

7° Ano A: 23 alunos

7° Ano B: 15 alunos

8° Ano: 27 alunos

9° Ano: 27 alunos

1°Ano Médio:11

2° Ano Médio: 23 alunos

3ºAno Médio: 20 alunos

EJA (Ensino Fundamental):12alunos

EJA(Ensino Médio 1º ANO):09 alunos

EJA(Ensino Médio3ºano):13 alunos

A clientela atendida é de parte significativa da zona rural, portanto, em sua grande maioria são filhos de agricultores. Os demais pertencem à zona urbana e filhos de aposentados, funcionários públicos, etc.

A escola conta com apenas por 1 diretor,1secretário,Conselho Escolar,12 professores atuando em sala de aula,02 adaptado a outra área,como também há professores lecionando mais de uma disciplina por conta da carga horária estabelecida pela Secretária de Educação,e de 15funcionários distribuídos em: vigilante,secretária da escola,biblioteca,sala de informática,1diretorae 1secretário.

A escola assume o papel que lhe cabe no atendimento ao ensino fundamental e médio promovendo o desenvolvimento pleno do aluno, preparando-o para exercer sua cidadania baseada numa proposta que considere seus valores, habilidades e competências, pautadas na seguinte missão:

**“Na simplicidade desta escola, trabalhamos comprometidos em busca de formar pessoas críticas, ativas, criativas, conscientes e reflexivas para que possam exercer a sua cidadania, buscando novos horizontes em preparação a vida”**

A Escola Jairo Aires Caluête é uma instituição que acredita nas potencialidades de seus alunos, pois busca sempre incentivá-los à integração entre conhecimento e vivência cidadã, sempre procurando atender às necessidades e as curiosidades dos mesmos. Neste sentido, a escola está sempre buscando formas de melhor atender os alunos e propor idéias e projetos que melhor ajudem a vida escolare pessoal enquanto cidadãos críticos, participativos e capazes de compreender e atuar sobre a realidade em que vive.

A escola não tem problemas como violência,raramente acontece brigas, os profissionais estão sempre atentos a qualquer desentendimento e já intervém em qualquer situação, não dando chance para que o problema cresça. Os pais são sempre informados sobre os acontecimentos quando necessário o Conselho Tutelar se faz presente para resolver determinados problemas que são resolvidos por meio do diálogo.

O material didático disponível é diversificado e a escola possui recursos tecnológicos cabendo ao professor como responsável pelo fazer pedagógico enfrentar os desafios tecnológicos e planejar ações que atendam aos interesses dos alunos.

## **2.2 Perfil da Turma Observada**

A turma do 1º ano médio é composta de 11 alunos, 07 mulheres e 03 homens sendo 09 da zona rural, filhos de agricultores, apenas 02 são filhos de funcionários públicos, de faixa etária compreendendo entre 15 e 16 anos de idade. É uma turma esforçada, calma, atenciosa e unida.

## **2.3 Descrição das Aulas Durante o Estágio**

### **AULA SOBRE AS FUNÇÕES DO TEXTO LITERÁRIO**

Data: 17/03/2014

Nº de aula:

No primeiro dia de estágio, sai de uma turma na condição de professora e passei para outra turma na condição de estagiária. Cheguei à sala de aula do 1º ano médio acompanhada da professora titular, a turma aguardava a nossa chegada e foi receptiva comigo, o fato de ser professora da escola e ex-professora da maioria deles contribuiu para que me aceitassem como estagiária.

Iniciei a aula sobre As funções do texto literário fazendo questionamentos a turma sobre o que é literatura, o que é arte, e qual a relação entre arte e literatura. Procurei por meio de questionamentos fazer da sala de aula um espaço de interação, discussão e reflexão, então ao serem provocados os alunos foram interagindo com o conteúdo dando conceito com palavras próprias, e de forma reflexiva e por meio de outros questionamentos chegaram ao conceito de arte, literatura e da diferença entre elas.

Assim a aula foi sendo conduzida de maneira dialógica, mesmo aqueles alunos tímidos e mais quietos foram provocados a dar respostas. Continuando com a aula procurei trabalhar os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do texto literário e do texto não literário. As respostas foram satisfatórias. Quando pedi citassem exemplos de textos literários e não literários, citaram exemplo e explicaram porque era literário ou não de forma coerente.

Chegou então o momento de falar sobre as funções do texto literário, fui explicando cada função e em seguida pedia que um aluno lesse o que estava escrito no livro didático para que os mesmo fizessem uma ponte entre a linguagem utilizada pelo livro e as minhas explicações, os comentários iam acontecendo à medida que parecia necessário.

Quando chegaram à parte do livro que falava sobre o poder da literatura, lembrei-me da censura, que muitos textos literários não foram publicados por não ser permitido naquela época, ao tratar esse assunto senti que estavam curiosos para saber mais a respeito do assunto, então pedi que a professora titular fizesse uma complementação e ela com seus conhecimentos e a longa experiência no ensino médio deixou bem claro como a censura agia quando um escritor em suas obras criticava a realidade.

Depois da complementação da professora, relatei que o poder da literatura também tem haver com fatos históricos e com o desenvolvimento do homem enquanto pessoa e ser social. Os alunos interagiram com o conteúdo até o final da aula de forma prazerosa.

## **AULA SOBRE LITERATURA**

Data:24/03/2014

Nº de aulas:02

O foco da aula desse dia era discutir a importância da literatura em nossas vidas, então revisei as funções do texto literário por meio de slides e em seguida foi realizada a leitura de um fragmento do livro O gato preto de Edgar Allan Poe.

Por meio da interação do texto lido adentrei um pouco na vida literária dos alunos por meio de um questionamento sobre o que liam, de que gostavam de ler, com que frequência liam, passamos a dialogar sobre as preferências de leitura. Durante essa conversa alguns alunos falaram que liam como passatempo, que visitavam a biblioteca da escola e escolhiam livros espontaneamente, alguns disseram que liam por prazer, que a leitura era muito importante porque desenvolvia a imaginação, como também teve alunos que disseram que faziam leitura para atender os objetivos da disciplina de Língua Portuguesa e realizar pesquisas em outras disciplinas.

Um aluno destacou que gostava de ler pela internet, quando ia a biblioteca para escolher um livro escolhia o que estivesse com menos páginas. Nesse momento falei: “E se você não gostar do livro adiantou pegar pelo número de páginas?” Em resposta disse-me: “troco por outro até encontrar um que goste”.

Percebo nesse discurso do aluno a falta de hábito com a leitura, isto não significa dizer que a escola não tenha oportunizado momentos de leitura, mas que são diversos os motivos que distância os alunos de práticas de leituras espontâneas, como mesmo foi citado por outro aluno que não conseguia se concentrar e que havia preferência por outros meios de entretenimento.

Ao observar tais comentários a professora que observava a aula, falou da sua luta para aproximá-los dos livros e desenvolver a competência leitora. A falta de hábito de ler segundo ela tem dificultado a interpretação de textos, pois para entender um texto muitas vezes precisamos ter conhecimento do assunto tratado pelo texto, e do contexto sócio-econômico e cultural da época em que foi produzido. O processo de leitura e compreensão de um texto escrito vai muito além do que a simples decodificação.

Diante dessa realidade proferi comentários de incentivo a leitura, falei da importância de se ler para conhecer o mundo, voltar ao passado e para compreender o que acontece ao redor para poder se viver melhor. Conteí de uma reportagem que havia assistido na TV de um senhor que mesmo sem freqüentar aulas de outras línguas, aprendeu de forma autônoma por meio da leitura de livro a falar fluentemente outras línguas como o inglês, francês e espanhol.

O diálogo foi longo e importante, pois, os alunos se sentiam à vontade para falar, no final da aula, entreguei um texto com depoimentos de atores e cantores sobre a literatura, pedi que lessem em casa e produzissem um texto sobre a importância da literatura em suas vidas, pois não haveria mais aula nessa mesma, semana.

Sei que não basta uma simples palavras para convencer o aluno a gostar de ler, porque o hábito é desenvolvido à medida que se interage com livro. A leitura não é um ato mecânico de juntar letras e formar palavras, mas é um verdadeiro diálogo do leitor com o autor.

Para que a leitura seja prazerosa ela precisa fluir naturalmente. Quem descobre o prazer de ler lendo uma obra literária nunca mais para de ler, quando chega ao final de um livro já se sente atraído por outro.

## **AULA SOBRE O TEXTO CONTINUIDADE DOS PARQUES**

Data:07/04/2014

Nº de aulas:02

O texto em estudo é Continuidade dos parques, pertencente ao gênero conto, do autor Cortázar. Foi realizada uma leitura compartilhada do texto, ao passo que ia trabalhando as

estratégias de leitura para que os alunos pudessem interagir com o texto e compreender os acontecimentos da história. Por se tratar de um texto em que o narrador é onisciente, isto é um pouco diferente daqueles que os alunos estão acostumados a ler no dia a dia, com narrador em 1ª ou 3ª pessoa, sentiram um pouco de dificuldades para compreender o desenrolar das ações. Quanto a identificação do cenário, dos personagens foi fácil de identificação, porém quanto ao tipo de personagem foi mais difícil, pois não estava explícito nas entrelinhas do texto, então tive que voltar ao início da história para que eles pudessem compreender o que estava implícito, o fato do conto narrar duas histórias: a do fazendeiro-leitor e a dos amantes, uma refletindo a outra e terminam entrelaçadas.

O texto focava o estudo das funções do texto literário associadas à literatura, para mostrar que a literatura pode levar o ser humano a dar asas a imaginação, refletir sobre suas angústias e alegrias e ajudar a compreender melhor a realidade.

Depois da leitura do texto a turma foi dividida em grupos para responder as questões relativas ao texto que eram articuladas ao conteúdo funções do texto literário. Durante a resolução das questões os alunos fizeram algumas perguntas, e para que pudessem compreender narrei os acontecimentos do conto algumas vezes procurando separar os cenários e depois aproximá-los para que realmente percebessem que as duas histórias se completam. As questões propostas no livro contavam com o auxílio de um boxe falando sobre a vida do autor, o que também pode contribuir para a compreensão do texto como todo.

Depois das questões respondidas cada grupo apresentou suas respostas e interagiu com as respostas dos outros grupos.

## **AULA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA**

Data: 09/04/2014

Nº de aula: 02

O conteúdo foi introduzido por meio do gênero textual aviso retirado de um contexto real de uso e publicado no livro didático adotado conforme consta em anexo.

Sugeri que os alunos realizassem a leitura do aviso e explicassem o que haviam compreendido, a maioria conseguiram entender a mensagem do aviso, bem como a intenção e o perfil do locutor em relação a prática de leitura. Tal aviso havia sido escrito com base na oralidade como se a escrita fosse mero registro da fala.

A partir do estudo do texto já citado prossegui a aula interagindo a respeito de fonemas e letras, procurando trabalhar com os conhecimentos prévios dos alunos ia procurando compreender o que já sabiam a respeito de letras e fonemas ao analisar algumas palavras sugeridas pelo livro didático como também algumas indicadas por eles.

O clima era de interação com o conhecimento, com os demais colegas e com a minha pessoa que ocupava naquele a posição de professora. Prosseguindo a reflexão sobre fonemas e letras utilizei uma tira também do livro didático questionei os alunos sobre o sentido da mensagem da tira: a palavra faces e fases causa um equívoco.

De forma contextualizada por meio da tira pude então refletir com eles sobre a diferença entre um som surdo [s] e outro sonoro [z] o que na verdade provocou uma mudança de sentido na palavra e casos em que a variação de sons não acarreta mudanças foram citados.

O livro didático trazia em uma das páginas um box com palavras mostrando o número de letras e de fonemas de cada uma delas, utilizando-se do mesmo modo que não há correspondência absoluta entre o número de letras e de fonemas das palavras, que a transcrição fonológica vem indicada entre barras inclinadas após a escrita alfabética, que determinados símbolos são usados para representar determinados fonemas. À medida que ia explicando os alunos iam interagindo fazendo perguntas ou colocações a respeito do que o colega perguntou ora ia complementando o que o aluno havia falado ora mostrava que ele estava equivocado e a aula chegou ao final com a possibilidade de que todos haviam compreendido realmente compreendido o assunto, afinal perguntei várias vezes se haviam compreendidos e a resposta foi afirmativa.

O objetivo da aula era promover oportunidades de reflexão sobre a escrita para que os alunos compreendessem que a relação entre as letras e os sons da fala, de forma a compreender que a escrita pode não ser o espelho da fala, que as regras ortográficas são fruto de uma convenção social, de um acordo estabelecido pelos especialistas, cujo objetivo é padronizar a escrita.

Sou consciente de que o domínio ortográfico tem sido um dos desafios para os professores de língua materna quando convocam os alunos a refletirem sobre a língua escrita. A percepção de certas regularidades ortográficas e a identificação de um conjunto de arbitrariedades do sistema gráfico assim como a internalização de certas regularidades e irregularidades da escrita, na maioria das vezes não é adquirido em poucas aulas, mas requer um trabalho reflexivo constante com a escrita, utilizando-se da produção de textos e da leitura de variados gêneros textuais para que se tenha realmente uma aprendizagem significativa.

Para lidarmos com as principais dificuldades apresentadas no domínio das convenções da escrita, é necessário que os alunos compreendam que o ensino da é uma convenção social cuja finalidade é ajudar na comunicação através da escrita.

É essencialtão que o educador desenvolva uma metodologia que trabalhe o uso “correto” da ortografia de maneira dinâmica e informal, com situações contextualizadas envolvendo situações de uso real da língua, sem que se faça necessário ensinar gramática por gramática.

## **AULA SOBRE A ORALIDADE E A ESCRITA**

Gênero utilizado: Placa e tiras

Data: 14/04/2014

Nº de aula:02

Nesse dia dei continuidade ao estudo sobre a oralidade e a escrita falei que a atividade de hoje era um exercício no próprio livro didático, pedi que realizassem pequenos agrupamentos para realização do exercício.

O exercício foi introduzido conforme consta em anexo pelo gênero textual placa, as questões de 01 a 03 diz respeito a mensagem escrita na placa.As questões 04 e 05 traz uma tira que assim como o gênero das questões anteriores foca o emprego da escrita de acordo com as características da fala.

Divididos em 03 pequenos grupos os alunos trocaram idéias a respeito de cada questão,tiveram dificuldade quanto ao efeito de humor que implicitamente encontrava-se no gênero textual tira,lançaram a pergunta do livro didático para mim, para que eu pudesse de imediato dar uma resposta ou mesmo pistas que pudessem ajudar a encontrar uma resposta. Como educadora bem sei que devemos ensinar a pescar e não dar o peixe pronto, e que só há aprendizagem produtiva quando o professor coloca o aluno em situação de reflexão, orientei-os a observar o contexto de produção da tira, comparar e analisar os sentidos as palavras que estavam em destaque. Em seguida lancei alguns questionamentos de forma até que chegaram a uma conclusão.

Após a realização dos exercícios houve a socialização das respostas de cada grupo, o que um grupo escreveu como resposta serviu para que o outro grupo complementasse a sua resposta.

## AULA SOBRE A ORALIDADE E A ESCRITA

Data:16/04/2014

Nº de aula:02

Gênero textual em estudo: Fragmento da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manoel.

Cheguei a um novo tópico do conteúdo a ser explicado: As convenções da escrita. Um outro tipo de texto é colocado para reflexão da escrita trata-se de parte da carta que Pero Vaz de Caminha enviou ao rei D. Manuel em 1500.

Foi realizada uma leitura da mesma por uma aluna que se revelou surpresa quanto a forma em que foi escrita. Aproveitei a expressão de surpresa em seu rosto para lançar a seguinte questão para a turma: “Por que vocês acham que essas palavras que vocês estão com dificuldade para compreender foram escritas da maneira como se encontra no livro?”

As respostas foram variadas alguns disseram que era porque o locutor não era escolarizado, que não obedeciam as normas ortográficas, que havia sido escritas de acordo com a fala e um aluno encontrou semelhança em relação a usada na internet.

No momento em que o aluno citou a internet pedi que encontrasse no texto a época em que foi produzida e ao encontrar logo foi desfeita a ideia de relacioná-lacom a escrita virtual.

No decorrer da leitura da carta algumas palavras por não fazerem parte de nenhuma convenção ortográfica na época em que foi produzida dificultou a leitura de modo que ao perceber que a mesmahavia sido fragmentada comprometendo o entendimento do sentido do texto como um todo, achei essencial falar sobre a Língua Portuguesa,a sua origem,influências e evolução.

Deixei claro que a mesma é viva, é dinâmica faz parte de um contexto histórico, social, cultural de uma época, passa por mudanças ao longo do tempo,algumas palavras deixam de ser escritas de uma forma,outras simplesmente desaparecem e outras surgem dependendo da necessidade de comunicação dos usuários.

Na esperança de que por meio dessas explicações os alunos pudessem resolver as questões propostas pelo texto, pedi que fizessem uma nova leitura do texto, e dessa vez fluiu melhor pois, eles começaram a fazer relação da escrita de algumas do texto com a forma como são escritas hoje.E assim foi realizado o exercício e depois foi socializada as respostas.

Permitir que os alunos viagem no tempo e avaliem a forma de escrita de uma época é muito significativo para que eles realmente possam compreender a necessidade do uso das convenções da escrita no nosso hoje. Também é fundamental para a valorização da escrita,ao

lmos escritos de outra época sentimos o quanto é importante escrever e registrar o nosso presente.

## **AULA VÍDEO SOBRE “ERROS” EM PLACAS**

Data:05/05/2014

Nº de aulas:02

Integrar o ensino às novas tecnologias é tarefa nossa, como educadores devemos ter em mente novas formas para facilitar o processo de aprendizagem. Pensando nisso decidi concluir o estudo sobre a oralidade e a escrita depois de percorrer por diversos caminhos desde o estudo de placas, tiras, carta, diário, anedota, crônica sobre a escrita virtual, mostrar um vídeo sobre o uso de placas escrita com base na oralidade, situadas em contextos do dia a dia.

A apresentação do vídeo tinha como objetivo mostrar que escrevemos para atender a determinado objetivo, que apesar da linguagem não atender a norma padrão pode muitas vezes transmitir de modo eficiente uma mensagem. Que os ditos “erros” ou seja, as palavras que foram escritas com base na oralidade não podem ser vistas com preconceito, pois a nossa língua é diversificada. As variedades lingüísticas existem para possamos entender que existe diversos modo de usar a língua e que todos devem ser respeitados porque depende da classe social, do lugar e do grupo ao qual fazemos parte.

Durante o vídeo procurei observar se os alunos conseguiam identificar com facilidade quando uma palavra está escrita fora dos padrões da norma culta. De acordo com o vídeo usado eles conseguiram identificar todas as palavras e juntos refletimos sobre a necessidade de se conhecer as convenções ortográficas para adequar a escrita nas situações de uso.

A fala e a escrita fazem parte de nosso cotidiano e são fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. A fala é natural ao ser humano e precede à escrita, enquanto a escrita pode ou não ser aprendida. No entanto, essas duas modalidades são bem diferentes, pois enquanto a escrita é estática, não muda, a fala vive se modificando, se adaptando a cada nova geração, porém em uma sociedade letrada como a nossa, essas duas modalidades convivem e acabam se entrelaçando.

Não é apenas pessoas com pouca escolaridade que pode escrever com marcas da oralidade, no nosso convívio diário nas produções dos alunos encontramos também palavras que foram escritas como se a escrita fosse mera reprodução da fala, isso também é reflexo da falta de hábito com a leitura.

Diante disso não devemos desrespeitar quem não faz uso da linguagem formal, entender os “erros” dos alunos e usá-los para ensinar como as variedades lingüísticas funcionam, comparando-as entre si num processo de reflexão possibilita que o aluno compreenda o seu mundo e o dos outros e se aproprie das diversas formas de usar a língua conforme o contexto em que é utilizada.

A questão é a escola transformar o erro em um assunto a ser discutido em uma situação de aprendizagem em que professor e alunos interajam dentro de uma perspectiva interacionista, refletindo e agindo sobre as escritas, estabelecendo uma relação dialógica na construção do conhecimento, fazendo da sala aula um espaço questionador, curioso e desafiado.

## **2.4 Análises do Livro Didático Adotado pela Escola**

Há alguns educadores que são contrários ao uso de livro didático, defendem a ideia de que cada professor e cada escola devem construir seu material didático. Acredito que o livro didático é uma importante ferramenta de apoio ao trabalho docente, a sua adoção não impede de modo algum que o professor e a escola desenvolvam também seu próprio material. O livro didático só não pode se tornar o único recurso para o desenvolvimento do ensino.

É preciso que o educador oportunize a busca de informações entre outras fontes de informações para que aprendam a lidar com a diversidade de informações e conhecimentos existentes, procurando articular e avaliar o que encontram.

As sequências didáticas planejadas para o estágio foram organizadas com base no livro didático adotado pela escola, pois o mesmo traz uma concepção que tem como foco o ensino produtivo uma vez que a atividade tem uma Concepção bakhtiniana de linguagem e de gênero discursivo.

O livro didático adotado pela escola é: **CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO** de MARIA LUIZA M. ABAURRE, MARIA BERNADETE M. ABAURRE e MARCELA PONTARA. É composto por três partes: Literatura, Gramática e produção de Texto.

A Literatura está organizada em 3 unidades, composta por 11 capítulos. Da unidade 1 a 3 há o estudo da literatura. Da 4 a 6 o estudo da gramática. Da 7 a 10 a produção de texto. Na abertura de cada unidade há a descrição da divisão da unidade em capítulos. Cada capítulo traz os objetivos relacionados aos conteúdos em estudo.

A literatura é tratada como um discurso, dando ênfase ao papel que ela desempenha em nossa sociedade. A dimensão dada a literatura como discurso diz respeito aos textos literários que foram escritos por seres humanos para seres humanos, convidando o aluno a analisá-los levando em consideração o contexto em que foram produzidos, permitindo uma visão articulada dos diferentes aspectos que se manifestam em um texto literário, desafiando o aluno a entender a criação artística como um processo permanente em que abra e público dialogam entre si, considerados aspectos relevantes para a formação do leitor.

A parte de Gramática está organizada em 3 unidades, distribuídas em 10 capítulos agrupando os conteúdos a partir de eixos básicos. O estudo da gramática desenvolvido no livro didático se fundamenta na análise de textos associados a um contexto, tendo como objetivo o resgate discursivo da linguagem, que prevê a interação entre os diferentes gêneros e interlocutores e graus de formalidade envolvendo intenções específicas, trabalhando a variação linguística para que o aluno compreenda que não existe uma só variedade e que a norma culta é apenas um dos diferentes sistemas em que a língua se organiza.

O ensino da gramática tem o objetivo de cumprir a função de também auxiliar para uma melhor compreensão e produção de texto a partir do estudo do funcionamento dos elementos gramaticais, contribuindo para o desenvolvimento de atividades significativas para o bom desempenho linguístico do aluno.

O eixo de conhecimentos lingüísticos aborda os níveis morfossintáticos e semânticos das unidades linguísticas, associados à sua funcionalidade no âmbito do texto e da situação de comunicação. Dessa forma, as atividades propostas oferecem uma abordagem pertinente dos fatos e das categorias gramaticais, na medida em que as exploram sob a ótica de seu funcionamento comunicativo em experiências textuais e discursivas autênticas.

A parte de produção de texto conta com 3 capítulos distribuídos da seguinte maneira: discurso e texto; a interlocução e o contexto; Os gêneros do discurso. Apresenta conceitos fundamentais para que se possa lidar com a leitura e a produção de textos a partir de uma perspectiva discursiva, envolvendo diferentes tipos de textos como narração, descrição, exposição, argumentação e injunção.

As atividades referentes à produção textual contemplam as diferentes etapas do processo de produção, com indicações claras sobre o planejamento, a escrita, a revisão e a reformulação dos textos. Orientando a produção de textos segundo os modos e esquemas de organização do discurso: relatar/narrar, descrever, expor/explicar, argumentar.

Colaboram, ainda, para o desenvolvimento da proficiência escrita as atividades que orientam para a construção da textualidade de acordo com o contexto de produção e o gênero proposto.

As propostas de atividades de leitura fornecem subsídios para a elaboração temática dos textos e incluem instruções sobre o levantamento, a seleção e a articulação dos conteúdos. Colaboram, também, para o desenvolvimento da proficiência do aluno em leitura, com exploração de estratégias cognitivas e de recursos e elementos constitutivos da textualidade

Fechando cada uma das unidades há uma seção intitulada “prepare-se: ENEM, outras avaliações oficiais e vestibulares.” para que o aluno tenha uma visão de como é a avaliação em outros espaços fora da escola.

Embora o ponto fraco do livro seja o trabalho com os gêneros orais, o manual do professor traz sugestões para o trabalho com relação à produção desses gêneros. O manual do professor além de trazer orientações para o desenvolvimento dos conteúdos, mostra as competências e habilidades que o aluno precisa desenvolver em cada área.

Depois de fazer uma abordagem sobre as propostas pedagógicas e uma reflexão sobre a prática docente, traz modelos de fichas para a elaboração e avaliação da prática docente.

Portanto a abordagem do livro didático contribui para o desenvolvimento das capacidades de uso da língua, com significativas oportunidades de construção das relações entre língua e literatura e de reflexão sobre as funções socioculturais dos textos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Cheguei até aqui fazendo uma retrospectiva do que vivi antes, durante, e agora ao final do curso de Letras em EAD, confesso que não foi difícil, pois como aluna e educadora sempre procurei dar o melhor de mim. Foram muitas etapas vivenciadas, todas foram importantes para minha evolução, entre elas destaco o Estágio Supervisionado, como uma experiência preciosa para minha prática pedagógica, pois além de ter contato com outro nível de ensino, aproximei-me de alunos de outra faixa etária, pude interagir com os mesmos e acima de tudo procurar desenvolver estratégias que ampliassem os seus conhecimentos e a troca de ideias em sala de aula.

Vivenciei alguns desafios como indisponibilidade para estagiar em dias seguidos devido ao fato de ter uma carga horária de 20 horas aulas no mesmo horário de estágio, em decorrência de haver apenas uma escola na cidade, mas os obstáculos aparecem para que sejamos mais fortes do que já somos. Segui em frente procurando estagiar nos horários vagos e fazendo com outros professores da escola a troca de horários e acabou dando certo. Os desafios só me ajudaram a refletir sobre o papel do educador nas diversas situações vivenciadas no dia a dia.

Procurei sempre iniciar as aulas por meio de questionamentos para trabalhar a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, e explicar o conteúdo por meio da interação, para permitir que pudessem articular o conteúdo explicado com outros textos e outros acontecimentos presentes no cotidiano. Os alunos sempre estavam atentos às minhas explicações, alguns agiam ativamente fazendo perguntas outros permaneciam calados em seus lugares, mas sempre que eram questionados diziam estar entendendo do assunto. Na verdade cada aluno é um aluno, e cada turma é uma turma, como educadores precisamos saber como lidar com as diferenças, respeitando a individualidade de cada um.

A professora da turma teve fundamental importância no decorrer do estágio, pois além de me dar autonomia para desenvolver os conteúdos de acordo com a metodologia que escolhia, se colocava a disposição para auxiliar nas dificuldades. Portanto ao final deste relatório sei que o mais importante de tudo é ir além, buscando o que cada teórico tem de mais significativo para nossa prática pedagógica.

## **REFERÊNCIAS**

ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. BM.; PONTARA, M. **Português: Contexto, Interlocução e Sentido**.1. Ed. São Paulo: Moderna, 2010.

ALMEIDA, M. E. B. **Educação a Distância na Internet: Abordagens e Contribuições dos Ambientes Digitais de Aprendizagem**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.2, p.327-340, jul./dez.2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf> >. Acesso em 28/05/2014.

ANTUNES, Irandé. **Aula de potuguês-encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: Por Um Ensino de Línguas Sem Pedras no Caminho**. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.

ARAUJO, Denise de Oliveira. **Língua portuguesa 5**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CARNEIRO, Cléa Gurjão. **Língua Portuguesa I**.Campina Grande: EDUEPB, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L.A. **Da Fala para a Escrita**. São Paulo: Cortez, 2004.

MORAN, José Manuel. **Como Utilizar a INTERNET na Educação**. Ci. Inf., Brasília, v. 26, n.2,May1997.Availablefrom<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19651997000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em Maio/2014.

NOBREGA, Marcelo Vieira. **Língua Portuguesa 4**. Campina Grande:EDUEPB,2012.

SOARES, Magda. **Português na Escola: História de Uma Disciplina Curricular**. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

SOUZA, AmasilleCoelho Lisboa da Costa. **Prática Pedagógica 3**. Campina Grande:EDUEPB,2012,P 45

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. 3ª ed. Pioneira. São Paulo. 1995.

**ANEXOS**

## **SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
COMPONENTE CURRICULAR: ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV

Aluna: **Maria Aparecida de Oliveira mat.10293036**

**Estágio Supervisionado - Sequência didática**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Série: 1º ano médio**

**Conteúdo: A arte da literatura**

**Tempo estimado: 4 aulas**

**Objetivos:**

- Conhecer as funções do texto literário;
  - Identificar a função de um texto literário;
  - Refletir sobre a importância da literatura na nossa vida;
  - Promover uma discussão a respeito dos conceitos de arte, literatura, texto literário e não literário e de cada função do texto literário;
  - Compreender o pacto do texto literário com o leitor;
  - Despertar no aluno um novo olhar para a literatura (como parte da cultura de um povo);
- Ler e comparar depoimentos a respeito da função da literatura;
- Construir um depoimento sobre a literatura, a experiência com a leitura.

**Estratégias de ensino:**

- Conversa informal;
- Apresentação do assunto em projetor;
- Debates;
- Leitura compartilhada;

### **Desenvolvimento:**

1ª etapa:

Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos partindo dos seguintes questionamentos:

- O que é arte?
- Qual a relação entre arte e literatura?
- Discussão sobre os conceitos apresentados.

2ª etapa:

Realização do questionamento:

- Por que a literatura é tão importante para os homens e as mulheres desde sempre?
- Discussão.

3ª etapa:

Construir o conceito de texto literário a partir dos questionamentos:

- O que é um texto literário?
- Que tipo de texto pode ser considerado literário?
- O que distingue um texto literário de um texto não literário?
- Que exemplos podemos dar de um texto literário e de um texto não literário?

4ª etapa:

-Explicar cada função do texto literário, fazendo relação com o que está escrito no livro didático:

- Discutir cada função do texto literário analisando alguns trechos de textos literários.

5ª etapa:

-Realizar uma leitura compartilhada de um trecho do conto O gato preto de Edgar Allan Poe, fazendo questionamentos em relação ao comportamento leitor.

-Explicar que todo texto estabelece um pacto de credibilidade com o leitor.

### **Recursos didáticos:**

- Livro didático;
- Projetor;
- Lápis
- Caderno

### **Avaliação:**

Participação do aluno na aula.

Assinatura do professor Maria Alexandra Ribeiro Cavalcante

Assinatura do (a) estagiário (a)

Maria Aparecida de Oliveira

**Conteúdo:** Texto Continuidade dos parques

**Tempo estimado:** 2 aulas

**Objetivos:**

- Estimular o gosto pela leitura;
- Conhecer a estrutura e o modo de organização do texto;
- Identificar elementos da narrativa (espaço, tempo, personagens, narrador, enredo);
- Relacionar conceitos de real e imaginário;
- Identificar a função literária do texto;
- Compreender a intenção, o ponto de vista de quem escreve com o auxílio das estratégias de leitura;
- Expor as características dos personagens.

**Estratégias metodológicas:**

- Conversa informal;
- Leitura compartilhada;
- Desenvolvimento de estratégias de leitura;
- Discussão sobre o texto

**Desenvolvimento:**

1ª etapa:

Conversa informal:

- Quem lembra o que é um conto?
- Quais as características de um conto?
- Pelo título do texto Continuidade dos parques, de que assunto vocês acham que o conto trata?

2ª etapa:

- Leitura compartilhada do texto;
- Durante a leitura fazer sempre inferências

Discussão do conto lido;

- Quais as características do conto lido?
- O que mais chamou atenção?
- Que perfil podemos traçar dos personagens?
- Em que espaço acontece, e como acontece?
- Qual a função literária do conto?

3ª etapa:

Divisão dos alunos em pequenos grupos para resolução de questões de interpretação do texto

4ª etapa:

- Socialização e avaliação das questões respondidas em grupos.

5ª etapa:

Discussão sobre o final do conto

- O final do conto correspondeu as suas expectativas?
- Você gostaria de mudar alguma coisa no conto? O que?

**Recursos didáticos:**

- Livro didático
- Caderno
- Lápis
- Data show

**Avaliação:**

Avaliação será por meio da observação e participação do aluno em sala de aula.

Assinatura do professor Maria Leandra Ribeiro Cavalcanti

Assinatura do (a) estagiário (a)

Maria Aparecida de Oliveira

**Conteúdo:** A relação entre oralidade e escrita

**Tempo estimado:** 4 aulas

**Objetivos:**

Identificar as características da oralidade e as características da escrita;  
Comparar as características da oralidade às da escrita;  
Identificar o nível de contato do locutor do texto em análise com as práticas de escrita;  
Identificar as convenções da escrita em gêneros textuais como placas e tiras;  
Reescrever os textos que tinham como base a oralidade utilizando a norma culta;  
Identificar o efeito de humor em tiras;  
Observar certos aspectos da língua de uso relacionados às variedades lingüísticas.

**Estratégias de ensino:**

Aulas expositivas dialogadas com apoio da apresentação de slides sobre o assunto em estudo;  
Formação de grupos para realização de exercícios;  
Socialização e reflexão das respostas de cada grupo de estudo

**Desenvolvimento:**

1ª etapa:

- Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre fonema e letra;
- Análise comparativa de algumas palavras quanto ao número de letras e de fonemas;
- Reflexão sobre como pode ser representado alguns fonemas;

2ª etapa:

- Divisão de grupos para realização de um exercício no livro didático sobre o conteúdo dado;

3ª etapa:

- Socialização e avaliação da resposta de cada questão do exercício por cada grupo.

**Conteúdo:** A convenção ortográfica

**Tempo estimado:** 4 aulas

**Objetivos:**

- Apropriar-se das regras notacionais da língua;
- Comparar textos, buscando semelhanças e diferenças quanto à relação entre fonemas e letras;
- Refletir sobre o uso das variedades lingüísticas;
- Reescrever textos efetuando alterações necessárias conforme a norma culta;

**Estratégias de ensino:**

- Aula expositiva dialogada;
- Apresentação de um vídeo de placas com erros ortográficos;

**Desenvolvimento:**

1ª etapa:

- Análise reflexiva do gênero textual placas proposta pelo livro didático;

2ª etapa:

- Apresentação de exemplos de algumas normas de convenções ortográficas;
- Divisão de grupo para resolução de exercícios;

3ª etapa:

-Apresentação de um vídeo sobre erros ortográficos encontrados em diversos contextos;  
4ª etapa:

-Resolução de exercício sobre ortografia e reflexão sobre as respostas apresentadas por cada grupo.

**Avaliação:**

A avaliação aconteceu por meio da observação da participação do aluno durante a aula bem como das respostas dos exercícios socializadas.

Assinatura do professor Maria Leonora Ribeiro Cavalcanti

Assinatura do (a) estagiário (a) Maria Aparecida de Oliveira

### Referências:

ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernadete; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

BECHARA, Evanildo. *A nova ortografia*. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. 2ª ed. São Paulo: Atual, 2005.

CEREJA, Willian Roberto & Magalhães. Thereza Cochar. **Português/Linguagens**. Vol.1, 7ª. Ed. Revista e ampliada, São Paulo, Editora Atual, 2010.

Vídeo placas e cartazes com erros ortográficos.

Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=xzL-cXDrE8>

Acesso em: 05/05/2014

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ATIVIDADES DO ESTÁGIO

## **ATIVIDADES DO ESTÁGIO**

Slides

## A arte da literatura:



Qual significado da palavra literatura?



**POR QUE A LITERATURA É CONSIDERADA UMA ARTE?**



### Funções do texto literário

- A literatura nos faz sonhar
- A literatura provoca nossa reflexão
- A literatura diverte
- A literatura ajuda a construir a nossa identidade
- A literatura nos "ensina a viver"
- A literatura denuncia a realidade

## Aula de Estágio Supervisionado IV

### Depoimentos

#### Depoimentos de escritores e profissionais de várias áreas sobre a importância da literatura

##### O mergulho no desconhecido

Que alegria quando nos identificamos com algum personagem, e como isso nos ajuda a entender melhor o sentido de nossas vivências. Sem falar de como é gostoso entrar no mundo do faz-de-conta, imaginar, fantasiar.

Além de proporcionar entretenimento, nos divertindo com histórias engraçadas, emocionantes ou cheias de aventuras, os livros nos levam a mergulhar no desconhecido, viajar em outros tempos e espaços, adquirir uma infinidade de elementos de comparação e viver experiências diferentes, ampliando a dimensão da nossa vida e aprendendo a formular um pensamento crítico próprio e inventivo.

(Ana Maria Machado, escritora)

##### Ler é ganhar a alma

Filho de ferroviário, morando num subúrbio de Araraquara, o menino [Ignácio de Loyola Brandão] tímido e encabulado, que se achava magro e feio e se sentia marginalizado, encontrou na leitura um refúgio para sua solidão. "Meu pai lia e parecia feliz", lembra. "Foi ele que me presenteou com os primeiros volumes. 'O cisne negro' e 'O patinho feio', como me encantaram. 'Pinóquio' era deslumbrante. Não me esqueço também de 'Robinson Crusó', de 'O Barba Azul' e tantos mais." [...]

"A leitura era um modo de me abstrair de tudo o que incomodava, de colocar minhas raivas pra fora", conta Loyola. "Depois, passou a ser uma forma de resolver meus conflitos, de viver os personagens, de amar todas aquelas mulheres... Fui Julien Sorel, Clyde Griffiths, Mr. Ripley, Simbad, o marujo, e assim por diante. Ler era a minha maneira de entender a vida, de ir embora. Ainda é. Quando estou lendo, me concentro, levito, saio de mim. Ler é ganhar a alma. É ser sobrevivente. A leitura é uma bóia salva-vidas. Um escaler."

(Ignácio de Loyola Brandão, jornalista e escritor)

##### A leitura é uma espécie de supermicroscópio da alma humana

Eu sempre li como diversão, como uma busca espiritual, nunca por obrigação. Acho que ninguém deve fazer isso, nem obrigar seus filhos ou alunos a tal castigo. [...] Os livros são parte de minha evolução, da minha formação artística e humanística. O livro que a gente está lendo reflete exatamente o que somos naquele momento, o que estamos cutucando dentro do infinito universo do pensamento. Portanto, é bom sempre afiar a pontaria. [...]

A literatura é uma espécie de supermicroscópio da alma humana, a maior lente de aumento já inventada pelo homem. Num livro, a gente pode descer até a menor partícula de pensamento ou sentimento já experimentado por alguém. Esse é o fascínio da leitura. Não é pouca coisa não. É comum um telescópio Hubble apontado para dentro da gente.

(Marcelo Tas, apresentador de TV)

##### A leitura sempre acrescenta algo à vida

Livros são como sementes que o destino leva por caminhos que o próprio autor desconhece e que, quando encontram mentes férteis, germinam, gerando novos e diferentes frutos. [...] O livro é um simples objeto, mas ganha vida nas mãos de quem o lê e é capaz de reavivar qualquer alma em penúria... [...]

A leitura sempre acrescenta algo à vida do leitor, dando-lhe mais condições de ser inteligente, afetivo, ativo, sonhador, mais aberto a se relacionar com outros.

(Içami Tiba, médico e psiquiatra)

(www.livrariacultura.com.br, no link "biblioteca ideal")

**Escrever e ler são formas de fazer amor**

O que os exames vestibulares tentam fazer é transformar a literatura em informações que podem ser armazenadas na cabeça. Mas o lugar da literatura não é a cabeça: é o coração. A literatura é feita com as palavras que desejam morar no corpo. Somente assim ela provoca as transformações alquímicas que deseja realizar. Se não concordam, que leiam João Guimarães Rosa, que dizia que literatura é feitiçaria que se faz com o sangue do coração humano.  
[...]

O escritor não escreve com intenções didático-pedagógicas. Ele escreve para produzir prazer. Para fazer amor. Escrever e ler são formas de fazer amor. É por isso que os amores pobres em literatura ou são de vida curta, ou são de vida longa e tediosa.  
(Rubem Alves, educador e escritor, Folha de São Paulo, 27/1/2004)

"Um livro amigo é aquele que me faz ficar preso até a última página e que não me canso de revisitar".  
Tony Ramos. Ator

"A literatura é como o mar, me banha o tempo todo. É ela que me permite, como jornalista, ter um olhar sempre diferenciado em relação ao mundo... Do ponto de vista, pessoal funciona como uma terapia, me levando a descobrir personagens e sentimentos. Acho que a literatura é o caminho da descoberta de emoções, de novas possibilidades de olhar e de sentir".  
Gilberto Dimenstein. Jornalista

"Desde criança, a leitura me dá imenso prazer, exercendo em mim o fascínio de algo mágico, intenso, estético. É a janela por onde o mundo entra na minha casa, na minha vida. A literatura dirigiu meu pensamento, minha forma de ver o mundo. Eu vivo e respiro literatura o tempo inteiro."  
(Lya Luft, escritora)

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar.  
(José Morais)

**Atividade: turma do estágio 1º ano**

Atividade: turma do estágio 1º ano

A exemplo dos autores dos textos lidos, escreva um pequeno texto no qual você relate sucintamente sua experiência com a leitura literária e o que ela representa para você.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: Linguagens, Literatura, Produção de Texto e Gramática**, 5 ed. ed. São Paulo: Atual, 2004, v. 1, p. 24-26

## Texto para análise

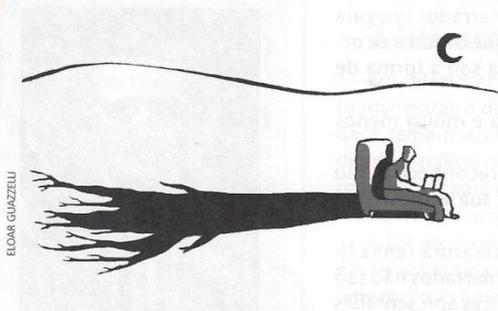
» As questões de 1 a 5 referem-se ao texto 1.

### Texto 1

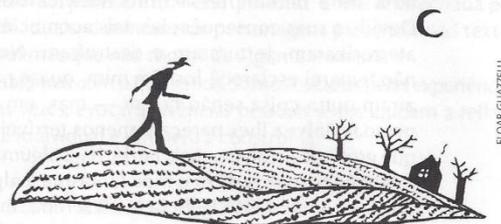
## Continuidade dos parques

*A história de um homem que lê um romance nos leva a indagar: quais são os limites entre a realidade e a ficção?*

Começara a ler o romance dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou à leitura quando regressava de trem à fazenda; deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Nessa tarde, depois de escrever uma carta a seu procurador, discutir com o capataz uma questão de parceria, voltou ao livro na tranquilidade do escritório que dava para o parque dos carvalhos. Recostado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado como uma irritante possibilidade de intromissões, deixou que sua mão esquerda acariciasse, de quando em quando, o veludo verde e se pôs a ler os últimos capítulos. Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas; a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava, e sentir ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros continuavam ao alcance da mão, que além dos janelões dançava o ar do entardecer sob os carvalhos. Palavra por palavra, absorvido pela trágica desunião dos heróis, deixando-se levar pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana do mato. Primeiro entrava a mulher, receosa; agora chegava o amante, a cara ferida pelo chicotaço de um galho. Ela estancava admiravelmente o sangue com seus beijos, mas ele recusava as carícias, não viera para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos, o punhal ficava morno junto a seu peito, e debaixo batia a liberdade escondida.



Um diálogo envolvente corria pelas páginas como um riacho de serpentes, e sentia-se que tudo estava decidido desde o começo. Mesmo essas carícias que envolviam o corpo do amante, como que desejando retê-lo e dissuadi-lo, desenhavam desagradavelmente a figura de outro corpo que era necessário destruir. Nada fora esquecido: impedimentos, azares, possíveis erros. A partir dessa hora, cada instante tinha seu emprego minuciosamente atribuído. O reexame cruel mal se interrompia para que a mão de um acariciasse a face do outro. Começava a anoitecer.



Já sem se olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia continuar pelo caminho que ia ao Norte. Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Correu por sua vez, esquivando-se de árvores e cercas, até distinguir na rósea bruma do crepúsculo a alameda que o levaria à casa. Os cachorros não deviam latir, e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava. Subiu os três degraus do pórtico e entrou. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.

CORTÁZAR, Julio. *Final do jogo*.  
Tradução de Remy Gorga, filho.  
Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971. p. 11-13.

1. Todo texto narrativo se constrói a partir da presença de alguns elementos básicos: narrador, personagens, cenário, tempo e enredo. Quem conta a história em “Continuidade dos parques”?
  - a) Quais são as personagens envolvidas na história? Como elas são caracterizadas?
  - b) O texto apresenta dois cenários. Quais são eles? O que se descobre sobre o primeiro cenário no final da história?
  - c) Em que intervalo de tempo a história se passa?
  - d) Há, no texto, um acontecimento que desencadeia a ação final. Qual é ele?
2. No conto, há duas histórias narradas: a do fazendeiro-leitor e a dos amantes. Uma reflete a outra, e as duas histórias terminam por se entrelaçar. Explique como o trabalho de construção do cenário, das personagens e do enredo ajuda a promover esse efeito.
  3. Após a leitura do conto, podemos afirmar que a primeira pista que Cortázar nos fornece sobre o caráter fantástico de sua narrativa é o título da história. Por quê?
  4. Releia a seguinte passagem do conto.

“[...] a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava [...]”

► O narrador do conto, ao falar do prazer sentido pelo fazendeiro-leitor, alude a uma das funções geralmente associadas à literatura. Qual é a função?

5. A literatura e as demais formas de arte podem levar o ser humano a refletir sobre as angústias e alegrias da própria existência. A leitura do conto nos ajudaria a compreender melhor a realidade? Por quê?

» As questões 6 e 7 referem-se ao texto 2.

### Texto 2

*Ao lembrar um episódio marcante de sua adolescência, o escritor Erico Verissimo nos ajuda a refletir sobre uma das funções da literatura.*



[...] Lembro-me de que certa noite — eu teria uns quatorze anos, quando muito — encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam “carneado”.

[...] Apesar do horror e da náusea, continuei firme onde estava, talvez pensando assim: se esse caboclo pode aguentar tudo isso sem gemer, por que não hei de poder ficar segurando esta lâmpada para ajudar o doutor a costurar esses talhos e salvar essa vida? [...]

O escritor argentino **Julio Cortázar** ficou conhecido pelo tratamento fantástico dado à realidade em suas obras literárias. Nascido em 1914, Cortázar ganha fama internacional ao publicar, em 1963, *O jogo da amarelinha*, romance que pode ser lido de forma linear ou não linear, construindo diferentes histórias, a depender do trajeto adotado pelo leitor. Morreu em 14 de fevereiro de 1984, vítima de leucemia.

No conto “Continuidade dos parques”, o elemento fantástico é construído pelo trabalho com os dois planos em que a história se desenrola: o do leitor que lê um romance e o do romance que é lido por ele.



▲ Julio Cortázar, Buenos Aires, 15 maio 1973.



1. O que o texto da placa permite concluir a respeito do contato de seu autor com as práticas de escrita?
2. Que hipóteses podemos fazer sobre o perfil do autor da placa?
  - ▶ Considere suas respostas anteriores e imagine uma explicação possível para a atitude do autor em relação à busca de adequação de seu texto à forma escrita.
3. Considere o que você aprendeu no capítulo anterior sobre variedades linguísticas e reescreva os dizeres da placa. Efetue as alterações necessárias para que a escrita fique de acordo com a norma culta.

» Leia atentamente a tira abaixo e responda à questão 4.



▲ LAERTE. Piratas do Tietê. Folha de S.Paulo. São Paulo, 25 nov. 2000.

4. Explique de que maneira o autor se vale de características da fala para promover o efeito de humor dessa tira.

» Leia as seguintes informações e responda à questão 5:

O cartunista sulino Iotti é o criador de Radicci, caricatura do colono italiano que chegou ao sul do Brasil no final do século XIX. Grosseirão, machista, com baixo grau de instrução, Radicci é o contraponto ao mito do italiano trabalhador, perseverante, culto.

Esse perfil do Radicci contrapõe-se, ainda, ao do filho Guilhermino, não muito afeito às tradições italianas, com tendências *punk*, *hippies* e *naturalistas*, que se juntam às ideias de um estudante de Jornalismo.

5. Com base nessas informações e na leitura da tira abaixo, em que Radicci conversa com seu filho Guilhermino, responda: como o cartunista Iotti constrói o humor?



▲ IOTTI, Carlos Henrique. Radicci 2. Porto Alegre: L&PM, 2003. p. 33.

## As convenções da escrita

- » Leia atentamente o texto para responder às questões de 1 a 3. Ele é parte da carta enviada por Pero Vaz de Caminha, em 1500, ao rei D. Manuel.

[...] o capitaam quando eles [os índios] vieram estava asentado em huia a cadeira e huia a alcatifa aos pees por estrado e bem vestido cõ huï colar de ouro muy grande ao pesçoço. [...] huï deles pos olhos no colar do capitam e começou de acenar cõ a mão pera a terra e depois pera o colar como que nos dezia que avia em terra ouro e tambem vio huï castiçal de prata e asy meesmo acenava pera a terra e entã pera o castiçal como que havia tambem prata. mostrarãlhes um papagayo pardo que aquy o capitam traz. tomãrano logo na mão e acenaram pera a terra como que os avia hy. mostrarãlhes huï carneiro no fezeram dele mençam. mostrarãlhes huia galinha casy aviam medo dela e no lhe queriam poer a mão e depois aa tomaram coma espantados.

CASTRO, Silvio (Intr., atualiz. e notas).  
*A carta de Pero Vaz de Caminha*.  
Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 42-43.



Alcatifa: tapete grande, geralmente com desenhos e cores variadas.

1. Que aspectos chamam a sua atenção na escrita da carta?
2. Observe a grafia destes pares de palavras: capitaam / capitam, mostrarãlhes / mostrarãnlhes, depois / depois. O que essa variação na maneira como as mesmas palavras são escritas sugere sobre a existência de normas para a escrita do português daquela época?
3. Em que casos o autor da carta faz uso de letras ou combinações de letras que não são atualmente utilizadas na grafia de palavras do português? Transcreva no caderno alguns exemplos dessas ocorrências.

Somente em 1911 definiu-se pela primeira vez, em Portugal, uma norma ortográfica. No Brasil, a normatização ortográfica aconteceu em 1943.

De lá para cá, houve algumas tentativas de uniformização da ortografia utilizada nos países de língua portuguesa. Dessas tentativas resultou a assinatura, em 1990, de um acordo entre esses países, que passou a vigorar a partir de 2009.

1. Leia a seguinte nota dos editores de Quarto de despejo: “Esta edição respeita fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo”. Transcreva no caderno pelo menos três ocorrências em que a autora contraria as regras ortográficas.
  2. Elabore uma hipótese para explicar por que Carolina de Jesus grafou a palavra “amisade” (início do 2º parágrafo) dessa maneira.
  3. Em que momentos é possível perceber que a autora teve a intenção de adequar o seu texto ao padrão culto da linguagem usando vocabulário e estrutura mais sofisticados?
  4. Qual a opinião da autora a respeito dos seguintes assuntos: a realidade na favela; o desempenho do governo; o papel da sociedade civil?
- » Leia a tira abaixo para responder à questão 5.

A.C.  
 2006 CREATORS SYNDICATE/  
 INTERCONTINENTAL PRESS  
 HART, Johnny.  
 Jornal da Tarde.  
 São Paulo, 5 abr. 2003.



5. Qual o recurso utilizado pelo autor da tira para produzir o efeito de humor?
- » Para responder às questões de 6 a 8, observe o texto da placa abaixo.



SOARES, L.; CAMARGO, José Eduardo.  
 O Brasil das placas: viagem por um país  
 ao pé da letra. São Paulo: Abril, 2003.  
 p. 69. (Col. Superinteressante Apresenta).

6. Transcreva no caderno as palavras que apresentam diferença em relação às regras da convenção ortográfica e escreva ao lado de cada uma delas a forma correta.
7. Explique por que foi escrita a sílaba DA no espaço acima da última sílaba da palavra “atendida”.
8. Uma mesma hipótese pode ser feita para explicar a grafia das palavras cove, aufase e reau. Que hipótese é essa?